

TRABALHOS
DE
ANTROPOLOGIA E ETNOLOGIA

DA SOCIEDADE PORTUGUESA DE ANTROPOLOGIA E ETNOLOGIA

VOLUME XXII — FASC. I
SUBSIDIADO PELO INSTITUTO DE ALTA CULTURA



PORTO — 1971

INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA «DR. MENDES CORRÊA» — Faculdade de Ciências

Trabalhos de Antropologia e Etnologia



TRABALHOS

DE

Antropologia e Etnologia

Publicação da

SOCIEDADE PORTUGUESA DE ANTROPOLOGIA E ETNOLOGIA

VOLUME XXII

SUBSIDIADO PELO INSTITUTO DE ALTA CULTURA,
PELA FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN
E JUNTA DA PROVÍNCIA DO DOURO LITORAL

PORTO

Sede da Sociedade: INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA DR. MENDES CORRÊA
UNIVERSIDADE DO PORTO

Antropologia

(amplitude e finalidade desta ciência)

POR

J. R. dos Santos Júnior

Prof. de Antropologia da Universidade do Porto,
em comissão de serviço na Universidade de Luanda — Angola

Lição de abertura do curso de Antropologia na
Universidade de Luanda, em Outubro de 1970, e que,
em homenagem e à memória do meu querido Mestre
Prof. Mendes Correia,

O. D. C.

O homem é o resultado duma longa evolução que ele próprio nunca teve em mente ou projectou.

Essa evolução não foi o homem que a planeou a seu modo, orientou como entendeu, digamos, a realizou a seu bel-prazer. Nessa evolução, condicionada por múltiplas circunstâncias, umas de ordem externa, ambientais, outros de ordem interna, de natureza biológica, o homem foi o realizado, não o realizador.

Aos factores modeladores externos da acção do meio há, sem dúvida, que juntar os factores intrínsecos à própria natureza humana, nomeadamente os de ordem neuroendócrina. Porém, apesar disso, parece podermos afirmar que no processo da evolução ortogenética sofrido pelo homem, este foi o realizado, não o realizador.

O homem é uma porção modelada de matéria viva, um ser vivo, um animal, um Primata, com afinidades mais ou menos estreitas a tudo o que vive e a tudo o que é material.

Seria erro grosseiro considerar o homem apenas como um simples animal com a morfologia que lhe é própria.

Entre todas as formas de matéria e de vida que existem o homem ocupa uma posição especialíssima. Ele constitui a mais altamente diferenciada forma de matéria e energia até hoje conhecida.

É necessário reconhecer o seu parentesco com o resto do universo, analisando o que nele há de material. Mas a sua natureza essencial, até poderíamos dizer e exclusiva, é definida por atributos que lhe são próprios e que não se encontram em quaisquer outras formas de matéria ou de vida.

O homem nasce quando nasce uma nova forma de evolução enxertada na velha evolução orgânica, denominando-a, orientando-a no sentido da estruturação do *ser superior que fala, pensa, raciocina, distingue o bem do mal, ensina e aprende*.

Esta nova forma de evolução tem como fundamentos a faculdade de aprender e, ao mesmo tempo, a sua transmissão por herança.

O homem nasce quando surge a inteligência, permitindo flexibilidade de reacções. Estas no homem, de modo diverso do que sucede nos outros seres vivos, dependem menos das condições da sua estruturação física, do que do conhecimento, da aprendizagem, da percepção de novas situações, quer imediatas quer futuras.

O homem é o único ser vivo dotado da faculdade de prever, de projectar.

O homem faz planos para o futuro, tem finalidades na vida.

A flexibilidade da adaptação às circunstâncias traz, como consequência, o singular poder e a natural necessidade de escolha da atitude a tomar entre as várias possibilidades de reacção.

Quer dizer, essa flexibilidade determina o aparecimento do critério da escolha.

O sentido do bem e do mal, da justiça e da injustiça, são conceitos que criam no homem o sentido moral, base orgânica da estruturação das sociedades humanas, e daí a Antropologia ser a base da Sociologia.

O homem isolado pouco ou nada vale, o seu valor depende e está intrinsecamente ligado ao seu valor social.

A Antropologia (do grego *Anthropos*, homem e *logos*, tratado) é o tratado do Homem, ou seja, o ramo de saber que tem como finalidade estudar o Homem como membro duma sociedade.

Como é bem sabido há um grande número de ciências, ou ramos de saber, que estudam o Homem sob os mais variados aspectos.

Muitas destas ciências têm indiscutível individualidade, não só na sua finalidade e objectivos próprios, mas também pelo seu enorme desenvolvimento, e, muito especialmente, pelos métodos de trabalho que lhes são peculiares.

A Anatomia, a Fisiologia e a Psicologia humanas, a História, a Sociologia, a Linguística, a Geografia Humanas, a Economia Política, etc., estudam o Homem, cada uma em seu aspecto. Todas elas, sem dúvida, de inegável importância e marcado interesse.

Todas estas ciências conquistaram há muito, e a justo título, foros de merecida individualidade.

Todas elas estudam o Homem.

A Antropologia estuda-o também.

Se assim é, não haverá apenas sobreposição de conhecimentos e, portanto, desnecessário seria estruturar um novo corpo de doutrina, um novo ramo de ciência?

Vamos ver no decurso das nossas lições que assim não é.

A Antropologia é uma ciência bem individualizada de enorme âmbito de estudos sem dúvida, mas com finalidades bem estabelecidas, com métodos de trabalho particulares, é, numa palavra, uma ciência autónoma, servindo-se é certo de larga soma de conhecimentos de ciências subsidiárias, como aliás sucede com todas ou quase todas as ciências.

A esta ciência compete o estudo de todos os atributos humanos.

A Antropologia estuda o homem na sua morfologia externa (Somatologia), na estruturação interna (Anatomia Humana, Esplanchnologia), nas suas capacidades de ordem superior e intelectual (Filosofia, Psicologia Humana), nos problemas da origem do Homem e sua evolução, isto é, no estudo dos pré-hominídeos e homens fósseis (Paleontologia ou Paleontologia Humana), no estudo das civilizações (História, Política, Antropologia Social,

Sociologia), nas suas múltiplas capacidades de expressão e de comunicação (Linguística), nos múltiplos problemas ligados às necessidades vitais imediatas, comida, abrigo, propagação da espécie (Etnográfica ou Antropologia Cultural, Económica e Política), nos problemas de ordem superior que se ligam não só à origem e evolução da vida humana (Embriologia, Hereditariedade, Genética), mas também ao problema transcendente e aguilhoante de além-da-vida, do post-mortem (Religiões, Teologia).

Por tudo isto se vê que a Antropologia como disse o Prof. Rerez de Barradas ⁽¹⁾ aspira ser a Biologia do género humano, ocupando-se de todos os problemas que afectam o Homem como ser vivo; do estudo das variações dos seus órgãos tanto externos como internos; das características de estatura, peso e pigmentação; dos fenómenos de hereditariedade tanto normal como patológica, das diferenças raciais, quer morfológicas quer fisiológicas; dos grupos sanguíneos e de outros aspectos da bioquímica humana; do estudo das constituições e temperamentos; dos efeitos da acção do meio sobre o corpo e sobre o espírito.

De tudo isto se ocupa a Antropologia, o que constitui matéria matéria vasta para o conhecimento do homem e do seu futuro biológico.

Há que, forçosamente restringir o âmbito desta multiplicidade de aspectos da vida do Homem, e assim a Antropologia procura estabelecer aquilo que em cada um dos aspectos fundamentais caracteriza os grupos humanos. Parte do estudo individual para formar as sínteses dos conjuntos humanos de vária gradação, raças, povos, castas, tribos, clãs, etc.

Há que limitar o âmbito do estudo das manifestações e capacidades vitais do homem, tantas elas são e algumas tão complexas.

Isso é forçoso para o conveniente apuro dos caracteres fundamentais definidores dos vários agrupamentos humanos.

No entanto nenhuma dessas manifestações ou capacidades é descurada.

(1) José Perez de Barradas, *Manual de Antropologia*, Madrid, 1946, pág. 18.

Tanto assim é que Imbelloni definiu Etnologia (sinónima de Antropologia) como o *estudo do humano, considerado sem restrição alguma, através de todos os tempos e de todos os povos.*

*
* *

É amplo, como vimos, o campo dos estudos antropológicos. Por isso é que o Prof. Mendes Correia escreveu, e muito bem, «a Antropologia procura ascender a uma compreensão integral do Homem».

Embora nos pareça que uma justa definição de Antropologia a poderia dar cada um no fim do nosso curso, — e essa seria uma boa maneira de o fazer — começaremos no entanto por dar, de entrada, algumas definições de Antropologia, procurando estabelecer e justificar o amplo conceito duma Antropologia *lato sensu*.

Muitos têm sido os autores que têm dado definições de Antropologia. Vamos ver como alguns deles a definiram.

Para Quatrefages, Edwards e Prichard, a *Antropologia era a História Natural do Homem*, feita monogrâficamente como o faria um zoólogo que estudasse um animal.

Frasseto definiu-a como sendo a *Zoologia do Homem*.

Topinard no seu livro *d'Anthropologie* (1876) define-a como o *ramo da história natural que estuda o homem e as raças humanas*.

Broca, o grande Mestre francês, que é considerado como o pai da Antropologia, deu dela a seguinte definição: *é a ciência que tem por objecto o grupo humano, considerado no seu conjunto, nos seus pormenores e nas suas relações com o resto da natureza.*

Em qualquer destas definições, as duas primeiras lapidarmente concisas, parece-nos que não se observam os três atributos a que, por norma, deve satisfazer uma boa definição. Estes atributos são, como é sobejamente conhecido, a clareza, a precisão e a concisão. Atributos muitas vezes bem difíceis de congregar em justo equilíbrio, e tanto mais difficilmente quanto mais amplo for o campo dos estudos daquilo que se pretenda definir. E isto succede com a Antropologia.

O distinto antropologista espanhol Prof. Juan Comas, ilustre colega que há muitos anos ensina na Universidade do México, no seu livro *Manual de Antropologia Física* (1) a pág. 40 no capítulo «Definición de Antropología Física — Objectivos y fines» diz que a palavra antropologia se usa para expressar dois conceitos distintos, um lato e outro restrito.

Na América, diz, a Antropologia é considerada em sentido lato como a «ciência del hombre o más bien la ciencia comparativa del hombre, que trata de sus diferencias y causas de las mismas, em lo referente a estructura, función y otras manifestaciones de la humanidad, según el tiempo, variedad, lugar, e condición. Com essa amplitude, y a medida que se han acumulado datos al respecto, la Antropología há ido dividiéndose em distintas ramas, llegando a constituir ciencias independientes como son: Arqueología, Etnología y Etnografía, Linguística, Antropología Física, Paleoantropología, etc. Es así como se entiende y define en nuestro continente».

Quanto ao segundo conceito, isto é, no sentido restrito escreve, na pág. 41. «Por el contrario, em el Viejo Mundo la palabra antropología se utiliza de modo restringido, limitado de manera exclusiva a la Antropología Física».

De facto assim tem sido em várias universidades europeias, mas não na Universidade do Porto, na Escola Antropológica ali criada pelo eminente Mestre, Prof. Mendes Correia, onde a Antropologia foi sempre considerada e estudada *lato sensu*.

Uma definição dada por Lehmann — Nitsche diz:

A Antropologia é o estudo físico e psíquico do género humano, no ponto de vista comparado, isto é, comparativamente com os outros animais, e das raças humanas (primitivas e actuais) entre si.

Nesta definição, põe-se em paralelo o psíquico com o físico ou somático. Deste modo se realça que a par do estudo do corpo há outras finalidades dos estudos antropológicos, das quais são de excepcional importância as manifestações espirituais, os fenómenos

(1) Juan Comas, *Manual de Antropología Física*, 2.^a ed., editado pela Universidade Nacional Autónoma de México, Instituto de Investigaciones Históricas, Sección de Antropología, México, 1966, 710 págs, 101 quadros numéricos e 122 figs.

de pensamento e de consciência do Homem, especialmente como expressão colectiva nos seus agregados populacionais, digamos como expressão global de cada grupo, e comparativa entre os vários grupos.

Buffon foi o primeiro a estabelecer divisões ou capítulos na Antropologia.

Segundo seu parecer os estudos antropológicos teriam como finalidade:

- a) O Homem em geral considerado como animal sob o ponto de vista morfológico e biológico em todas as idades.
- b) As raças: sua descrição, origem e cruzamentos.
- c) Comparação do Homem com os outros animais sob os pontos de vista físico e fisiológico; características do Homem, sua origem e sua posição na escala zoológica.

Sob esta tríplice finalidade dos estudos está implícita a divisão da Antropologia em três capítulos. A Antropologia Geral, e Antropologia Especial (a que nós hoje chamaríamos Raciologia) e a Antropologia Zoológica.

Pode afirmar-se que Buffon (1707-1788) foi o verdadeiro fundador da Antropologia, porquanto na sua obra monumental *Histoire générale et particulière des animaux*, começada a publicar em 1749, aborda assuntos de especial interesse antropológico, tais como: a) A espécie, sua existência e variações; b) Relações entre o homem e os animais; c) As raças humanas.

O Prof. Mendes Correia definiu também a Antropologia como sendo *a ciência que estuda os caracteres humanos, físicos e psíquicos, que tenham interesse sob o tríplice ponto de vista:*

- a) *posição do Homem na escala zoológica;*
- b) *origem do Homem e conhecimento dos primeiros hominídeos;*
- c) *classificação das raças, povos e tipos humanos.*

É uma definição ampla, em que se procura abranger a extensão e a profundidade dos estudos do Homem, quanto à origem e quanto à Sistemática.

Está certo.

Atentemos agora no nosso dualismo flagrante.

O Homem é um misto de matéria e de espírito, de corpo e de alma.

O corpo e a alma confundem-se como a forma e o mármore numa estátua, disse Carrel.

O grande filósofo e pensador Prof. Fidelino de Figueiredo, no seu livro *Música e Pensamento*, escreveu a pág. 59:

«O Homem é carne e osso, é sangue e nervo, é um pequeno mundo mortal que não quer morrer, e inventa expedientes para deter a voragem do tempo, em toda aquela trágica obstinação de que fala Unamuno em seu livro apocalíptico.»

A Antropologia, como já referi, procura ascender ao estudo integral do Homem.

Ora no estudo integral do Homem, como muito bem disse o Prof. Barahona Fernandes ⁽¹⁾, há que considerar o inorgânico, o biológico, o psicológico e o espiritual.

Sem o suporte da matéria não há vida; sem vida não há actividade de consciência nem agir mental; sem este não se pode conceber o espírito.

A matéria, a vida, a psique e o espírito constituem portanto a téttrade em que tem de se basear o estudo integral do homem.

E não há que atribuir maior ou menor importância a cada um dos quatro aspectos da personalidade humana, o inorgânico, o biológico, o psicológico e o espiritual.

São quatro coisas, quatro facetas, que se situam em planos diferentes hierarquicamente sobrepostos, mas com íntimas relações de dependência e estratificação categorial.

Cada um destes estratos, que são quatro, tem os seus caracteres próprios, apontados pelo Prof. Barahona Fernandes no seu trabalho que vamos seguindo.

(1) Barahona Fernandes, *Novas perspectivas da medicina*, Associação Espanhola para o progresso das Ciências, Lisboa, 1956, pág. 13.

- a) quantificação matemática e causalidade do inorgânico;
- b) estrutura finalista do biológico;
- c) intencionalidade compreensiva do psicológico;
- d) valores e normas de espírito quanto ao espiritual.

Mas aqueles estratos ou aspectos da personalidade humana interpenetram-se, estão ligados uns aos outros: quer dizer, matéria, vida, psique e espírito são interdependentes, estão concatenados.

Como disse o Prof. Barahona Fernandes, não se trata dum pluralismo que venha agravar o dualismo cartesiano, dissociando ainda mais as zonas do ser. Tampouco se trata dum isomorfismo de expressões categorialmente equivalentes.

Muito longe disso.

Cada um dos quatro aspectos da personalidade do Homem, o inorgânico, o biológico, o psicológico e o espiritual, são bem manifestações categorialmente diversas e diversamente estruturadas.

As quatro camadas ou estruturas assentam umas sobre as outras, estão ligadas entre si, constituindo o todo uno que é o Homem total, somático, vivo, com entendimento, inteligência, sensibilidade e vontade, com espiritualidade, sentido do bem e do mal, sentido da justiça, preocupação com os problemas da origem e do post-mortem, isto é, dotado de estruturação moral e religiosa.

O Homem, como escreveu o Prof. Santana Dionísio, «não se sabe bem se por natureza ou por esforço próprio, é um ser singularíssimo que não pode prescindir da terra nem do céu.

A par das necessidades terrenas de cada dia o Homem, de quando em quando, deixa de olhar a terra e volta a sua atenção para o alto».

Com os pés na terra e os olhos postos nas estrelas, com as necessidades vitais do dia a dia e com a tremenda e angustiante certeza da morte, com o seu viver individual em sucessão regular, com as suas obrigações sociais (viver é conviver) em atitudes de complexidade mais ou menos variável, o Homem é bem um ser singularíssimo.

A Antropologia anseia fazer o seu estudo e apreciação integral; a Antropologia é, por isso, a síntese das Ciências Humanas, a cúpula das Ciências do Homem.

A Medicina é uma ciência humana, como o são também a Filosofia, a Sociologia, a Política, a Filosofia, a Pedagogia, etc., etc. Cada uma destas ciências olha ou aprecia o Homem sob determinada faceta.

A Antropologia encara-o no conjunto, dos seus caracteres na sua totalidade: *é o estudo global, totipolar, do Homem, especialmente naquilo que define ou caracteriza os seus agrupamentos, raças, povos, tribos, clãs, castas, classes, etc.*

Depois disto podemos dizer que a Antropologia é a ciência que ascende à compreensão integral do Homem na sua estruturação e manifestações de ordem inorgânica, biológica, psicológica e espiritual, quer no indivíduo isolado, quer, e sobretudo, nos agrupamentos humanos (*Antropologia Social*).

E assim, e em esquema, poderá dizer-se:

A Antropologia estuda:

- a) A origem do Homem, pré-hominídeos e Homem Fóssil;
- b) A posição do Homem na escala zoológica;
- c) Os tipos humanos e a sua congregação em grupos, tais como raças, etnias, povos, tribos, classes, castas, clãs, etc.;
- d) Modos de viver e de sentir (usos e costumes, estilos ou normas de vida) dos vários grupos humanos.

Portanto é vasto o campo de trabalho da Antropologia.

As modernas tendências levam-na a desenvolver-se em ciência sintética, no seu empenho de abranger o estudo de todos os aspectos da vida do Homem, aspectos materiais, somáticos, psicológicos e espirituais.

A ciência do Homem deve ter em vista, como disse Alexis Carrel, o exame mais completo do nosso mundo interior, e dar-se conta de que cada parte do todo deve ser considerada em função do conjunto.

Consoante atrás se disse, o inorgânico, o material, está na base estrutural do Homem. Sem o suporte da matéria não há vida; sem esta não há actividade de consciência ou agir mental; sem este não se pode conceber o espírito.

O estudo do material, isto é do corpo ou soma, é feito pelos métodos quantitativos da Antropologia física ou Somática, tão exactos e tão necessários para a justa apreciação da forma.

O estudo do biológico, compreende a análise e apreciação das manifestações vitais em toda a sua complexidade, subordinadas não só a influências do mundo exterior, o meio ambiente, mas também a influências do nosso mundo interior, variações das secreções das glândulas endócrinas, da composição química de sangue, e de possíveis e inegáveis acções exercidas pelo espírito ou, se quisermos, pela alma.

São bem conhecidas as doenças psico-somáticas. Um choque ou traumatismo de ordem espiritual ou psíquica desencadeia, ou pode vir a determinar, alterações de maior ou menor gravidade, muitas vezes definidas por lesões de manifesta objectividade.

Citemos apenas o exemplo das úlceras de estômago tantas vezes na dependência estreita de perturbações de ordem psíquica.

As hormonas, produtos de elaboração das glândulas de secreção interna, regulam não só a morfologia (forma, crescimento, proporções), mas também as funções fisiológicas e a vida do espírito.

As alterações hormonais, sabemos-lo todos, acarretam modificações profundas não só na estrutura somática (a acromegalia, por exemplo, está em ligação com perturbações funcionais da hipófise) como também na vida psíquica, ou global do Homem.

Certas atitudes, comportamentos ou modos de ser do Homem podem ser resultantes de influências de duas naturezas: do meio ambiente físico, ou do meio social. Neste último caso podemos dizer que esses modos de comportamento foram determinados pelo exemplo ou são dele consequência.

O exemplo, repetido sucessivamente, cria a tradição, o «sempre assim foi», o «sempre assim se fez».

É claro que o facto inicialmente biológico, ou orgânico, que resulte do modo como a matéria viva do corpo do Homem reage e se adapta às influências de meio ambiente físico, pode transformar-se num facto histórico, tradicional, desde que seja transmitido pelo exemplo ou pelo ensino, e repetido pelo agregado social. Isto pode estar, e seguramente estará, na base de muitos aspectos da evolução humana, e pode ser a razão da hereditariedade de certos

caracteres adquiridos. Herança, por exemplo, pelo convívio, pela educação.

A Antropologia é não só o estudo do Homem como membro do reino animal mas também do seu comportamento como membro duma sociedade.

Ora uma das tarefas da Antropologia é, precisamente, estudar os modos de comportamento dos homens e averiguar se as suas manifestações de conduta são condicionadas, essencialmente, por causas orgânicas ou por causas apenas de ordem histórica, ditadas pela tradição.

À Antropologia compete interpretar e apreciar a valia e o ajuste destas duas forças dinamizantes, o orgânico e o social, o intrínseco ou biológico e o extrínseco ou educacional, na estruturação ou modelação do Homem, quer no aspecto somático, quer, e sobretudo, no psíquico.

As forças biológicas do orgânico, as acções de natureza ambiente sobre o Homem podem ser, e são-no quase sempre, propulsoras de diferenciação progressiva. Pelo contrário as forças históricas do social, das acções da educação sobre o Homem, nalguns casos podem ser, e muitas vezes são, frenadoras da diferenciação. São conservadoras pelo facto de, pelo exemplo, manterem o *statu quo ante*. Noutros casos podem ser progressivas e uniformizadoras, quando actuem sobre agrupamentos de nível cultural menos evoluído.

Importa investigar de que modo as modificações do meio ambiente vão influenciar, a fisiologia hormonal provocando desequilíbrios. Mas é bom não esquecer que o perfeito equilíbrio endócrino não é estranho ao espírito. Forças espirituais podem exercer acções excitadoras ou inibidoras sobre as glândulas de secreção internas.

O hipertiroidismo, tão frequente na actualidade, pode, talvez, considerar-se resultante do grau de civilização em que vivemos, do grau de intensidade da vida trepidante actual.

A Antropologia estuda o Homem, e, como tal é uma Ciência Natural, mas ao mesmo tempo é ciência do espírito, pelo que podemos, com Dilthey, considerá-la ligada à Psicologia e mesmo à Medicina, formando parte dum grupo de matérias chamadas por ele Ciências do Homem.

O antropologista, de acordo com as tendências modernas da Antropologia, tem de procurar ascender ao estudo integral do Homem. Deve estudar todas as facetas do ser humano tanto no aspecto corpóreo ou somático como na feição psíquica ou espiritual, e apreciar as suas relações mútuas para a constituição do todo vivo e pensante que é o Homem vivo, são e normal.

O antropologista moderno, consciente da amplitude do campo dos estudos antropológicos, deverá dizer com São Paulo:

«*Homo sum, et nihil humani a me alienum puto*»

*
* *

O interesse dos estudos antropológicos é dia a dia crescente.

Com os autores americanos podemos dizer «*Antropology is coming up in the world*».

Este interesse é já tão grande, e com sinais tão claros de aumento progressivo, que há quem afirme que, na história da Ciência estamos a iniciar o vasto e importante capítulo das Ciências Humanas, das quais a Antropologia, como já dissemos atrás, é, como que, o remate cimeiro ou cúpula.

Infelizmente na última reforma das Faculdades de Ciências não foi dada à Antropologia o desenvolvimento que se impõe e a que têm jus por direito próprio.

Num reajustamento da reforma, que muito naturalmente terá que fazer-se, e felizmente já anunciada, haverá que atentar na extraordinária importância que actualmente têm as Ciências Humanas, e, repetimos, dar à Antropologia o desenvolvimento que se impõe e a que tem jus por direito próprio.

*
* *

Seguindo o exemplo de muitas universidades estrangeiras, e especialmente das americanas, onde há muito existe o *Department of Anthropology and Sociology*, há que agregar a cadeira de Sociologia à Antropologia.

Em muitas universidades estrangeiras há um departamento com o nome mais genérico de grupo ou secção das *Ciências Humanas*.

Em tal secção se congregam um certo número de matérias em torno da Antropologia Geral.

Essas Matérias são, por assim dizer, ramos da Antropologia, cada dia que passa mais e mais desenvolvidos em ciências especializadas.

A Sociologia, essencialmente, é o estudo do inter-humano, ou seja dos fenómenos sociais que dizem respeito, especificamente, ao trato recíproco entre os homens, na sua organização em sociedade; é pois ciência eminentemente antropológica.

O grupo das Ciências Humanas em algumas universidades é constituído por Antropologia Geral, Antropobiologia, Antropologia Cultural ou Etnografia, Etnologia ou Raciologia, Antropogénese ou estudo dos problemas da origem e evolução do Homem, e ainda por Demografia ou Ciência da População, Genética Humana e Psicotecnia.

É por demais sabido que a maior riqueza de qualquer região é o seu elemento humano.

Importa conhecer em toda a largueza e profundidade as gentes da nossa nação pluricontinental e plurirracial.

É à Antropologia que compete tão nobre como importante e patriótica missão.

O antropologista, de acordo com as modernas tendências, tem de procurar ascender à compreensão integral do Homem.

Deve estudar as múltiplas facetas do ser humano, tanto no aspecto corpóreo ou somático, como nos seus estilos de vida e feição psíquica e espiritual. Tem de apreciar as relações mútuas dos homens uns com os outros, em convivência harmónica.

Importa que nas nossas Universidades seja criado o grupo das Ciências Humanas.

O Magnífico e experiente Reitor da Universidade de Luanda, Prof. Ivo Ferreira Soares, na exposição lida na sessão solene da inauguração do ano escolar de 1968-1969, disse: «Urge que formemos nós próprios os técnicos, convenientemente habilitados para

explorar nas melhores condições de rendimento, diamantes, petróleo, ferro e outros minerais».

Parafrazeando o ilustre Reitor direi: também é urgente que formemos nós próprios os antropologistas (*well rounded anthropologists*, como dizem os americanos) convenientemente habilitados para estudarem os portugueses que à sombra da nossa bandeira, vivem em quatro partes do mundo, e, no caso especial que presentemente nos ocupa, nesta portuguesíssima e portentosa província de Angola.

*Faculdade de Ciências, Universidade
de Luanda — Outubro de 1970.*

Contribuição para o estudo das impressões digitais dos Dagadá (Timor Português)

II — Mulheres

POR

Maria Emília de Castro e Almeida

Investigadora da Junta de Investigações do Ultramar
Assistente da Faculdade de Ciências de Lisboa,
Encarregada da Regência de Antropologia

e

Margarida Maria Nogueira Paulino

Investigadora do Centro de Estudos de Antropobiologia (J. I. U.)

I — Introdução

No presente artigo apresentar-se-ão alguns dos resultados referentes ao estudo dos dermatoglifos digitais de 3 séries de Dagadás (ou Fata-lucos) femininos da circunscrição de Lautém.

As impressões digitais utilizadas foram colhidas em 1968, quando da missão de estudo realizada por um de nós (Maria Emília de Castro e Almeida) à província portuguesa de Timor, como bolseira da Fundação Calouste Gulbenkian. O total de indivíduos femininos então observados foi de 321, sendo respectivamente 190 pertencentes ao Posto sede de Lospalos, 98 ao posto de Lautém e 33 ao de Tutuala. Como porém, nos vimos obrigados a eliminar alguns indivíduos, por apresentarem dedos amputados ou impressões ilegíveis, as 3 séries foram reduzidas respectivamente para 184, 94 e 33.

Tal como foi já feito, em anterior trabalho sobre as impressões digitais de indivíduos masculinos ⁽¹⁾ das mesmas zonas, proceder-

⁽¹⁾ Ver *Contribuição para o estudo das impressões digitais dos Dagadá (Timor Português) I — Homens*. «Garcia de Orta», Vol. 17, N.º 1. Lisboa, 1969.

-se-á: ao estudo das frequências e respectivas percentagens dos desenhos papilares, classificados em arcos, presilhas e turbilhões ⁽¹⁾; à análise comparativa dos valores encontrados relativamente às mãos direita e esquerda; ao confronto dos resultados de cada uma das 3 localidades referidas.

A orientação axial, radial ou ulnar e a contagem das cristas papilares que constituem cada figura não foi considerada, trabalho que nos propomos fazer para os 2 sexos num estudo que se seguirá a este.

II — Figuras papilares

A) *Lospalos*

Conforme mostra o quadro I (onde estão inscritas as frequências e respectivas percentagens dos 3 tipos de desenhos considerados), na mão direita e na mão esquerda, as presilhas são mais fre-

QUADRO I

	Arcos		Presilhas		Turbilhões		Totais	
	n	%	n	%	n	%	n	%
M. direita	10	1,09	540	58,69	370	40,22	920	100,00
M. esquerda	18	1,96	542	58,91	360	39,13	920	100,00
M. direita + M. esquerda . .	28	1,53	1082	58,80	730	39,67	1840	100,00

quentes do que os turbilhões — enquanto estes se localizam à volta dos 40 % as presilhas ultrapassam mesmo metade da totalidade.

(1) Desejamos aqui prestar público agradecimento ao ilustre cientista e director do Laboratório de Antropologia da Faculdade de Ciências de Paris, Prof. Dr. Georges Olivier, que muito amavelmente e com a sua grande experiência, se prestou a auxiliar-nos na interpretação de impressões digitais duvidosas e que igualmente nos deu preciosos conselhos sobre o assunto.

Os arcos, com valores bastante escassos, distanciam-se muito destes 2 tipos de figuras, aliás como é vulgar nas diversas populações do mundo.

Observámos ainda ligeira preferência dos arcos e presilhas pela mão esquerda e dos turbilhões pela mão direita, conforme se põe em relevo no quadro II.

QUADRO II

Figuras papilares	M. direita	M. esquerda	Diferença entre as duas mãos
	%	%	
Arcos	1,09	1,96	D < E
Presilhas	58,69	58,91	D < E
Turbilhões.	40,22	39,13	D > E

*

* *

Investigando agora o que se passa com a distribuição das frequências papilares nos cinco dedos de cada uma das mãos (quadro III), facilmente verificamos: os arcos são mais frequentes no I e II dedos da mão direita e da mão esquerda, encontrando-se ainda, embora em valores fracos, nos restantes dedos da mão esquerda, e III dedo da mão direita; as presilhas, apresentam os seus valores mais altos no V dedo das mãos direita e esquerda, e mais baixos no IV dedo da mão direita e no II da mão esquerda (aliás os resultados do II dedo da mão direita e do IV da mão esquerda tem valores muito próximos); os turbilhões surgem mais elevados no IV dedo e mínimos no V dedo das mãos direita e esquerda.

No conjunto das duas mãos, no que respeita a arcos e turbilhões, as distribuições dos valores máximos e mínimos mantêm-se. As presilhas comportam-se como na mão esquerda.

A sequência decrescente das frequências observadas vem expressa no quadro IV, para cada uma das mãos separadamente e para as duas em conjunto.

QUADRO III

	M. direita											
	I		II		III		IV		V		Total	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
Arcos	5	50,00	4	40,00	1	10,00	—	—	—	—	10	100,00
Presilhas	97	17,96	82	15,19	125	23,15	81	15,00	155	28,70	540	100,00
Turbilhões	82	22,16	98	26,49	58	15,67	103	27,84	29	7,84	370	100,00
Total	184	20,00	184	20,00	184	20,00	184	20,00	184	20,00	920	100,00

	M. esquerda											
	I		II		III		IV		V		Total	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
Arcos	7	38,89	7	38,89	2	11,11	1	5,55	1	5,55	18	100,00
Presilhas	94	17,34	80	14,76	121	22,32	85	15,68	162	29,89	542	100,00
Turbilhões	83	23,06	97	26,94	61	16,94	98	27,22	21	5,83	360	100,00
Total	184	20,00	184	20,00	184	20,00	184	20,00	184	20,00	920	100,00

	M. direita + M. esquerda											
	I		II		III		IV		V		Total	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
Arcos	12	42,85	11	39,29	3	10,71	1	3,57	1	3,57	28	100,00
Presilhas	191	17,65	162	14,97	246	22,74	166	15,34	317	29,30	1 082	100,00
Turbilhões	165	22,60	195	26,71	119	16,30	201	27,53	50	6,85	730	100,00
Total	368	20,00	368	20,00	368	20,00	368	20,00	368	20,00	1 840	100,00

QUADRO IV

Figuras papilares	M. direita	M. esquerda	M. direita + M. esquerda
Arcos . . .	I > II > III	I = II > III > IV = V	I > II > III > IV = V
Presilhas . .	V > III > I > II > IV	V > III > I > IV > II	V > III > I > IV > II
Turbilhões .	IV > II > I > III > V	IV > II > I > III > V	IV > II > I > III > V

*
* *
*

Um aspecto importante a considerar era averiguar da existência ou não de diferenças significativas entre as frequências registadas para cada um dos 3 tipos de desenhos observados, no conjunto dos 5 dedos de cada uma das mãos. Para isso organizámos uma tabela de contingência (quadro V) onde introduzimos as frequências observadas e as respectivas frequências teóricas (entre parêntesis). Registámos ainda os valores dos χ^2 parciais obtidos, cujo somatório conduziu a um χ^2 total de 2,422. Este valor corresponde nas tabelas respectivas para 2 g. l. a uma probabilidade compreendida entre 20 % e 30 %. Podemos pois concluir que as diferenças entre as duas mãos não são significativas.

QUADRO V

	Arcos	Presilhas	Turbilhões	Total de impressões
M. direita . .	10 (14)	540 (541)	370 (365)	920
M. esquerda . .	18 (14)	542 (541)	360 (365)	920
Totais . . .	28	1082	730	1840

$\chi^2_1 = 1,142$ $\chi^2_3 = 0,001$ $\chi^2_5 = 0,068$ $\chi^2_t = 2,422$ $20\% < P < 30\%$
 $\chi^2_2 = 1,142$ $\chi^2_4 = 0,001$ $\chi^2_6 = 0,068$

B) *Lautém*

Também aqui começámos por inscrever numa tabela (quadro VI) os valores absolutos das frequências papilares e respectivas percentagens, relativos a arcos, presilhas e turbilhões encontrados em cada uma das mãos separadamente e nas duas em conjunto. A distribuição das frequências segue exactamente a mesma ordem verificada na série anteriormente estudada: arcos com percentagens mínimas, turbilhões com valores intermédios algo inferiores a metade do total e presilhas com frequências máximas ligeiramente superiores a um meio da totalidade.

QUADRO VI

	Arcos		Presilhas		Turbilhões		Totais	
	n	%	n	%	n	%	n	%
M. direita	6	1,27	270	57,45	194	41,28	470	100,00
M. esquerda	7	1,49	252	53,62	211	44,89	470	100,00
M. direita + M. esquerda . .	13	1,38	522	55,53	405	43,09	940	100,00

Verificámos, comparando as mãos direita e esquerda, ligeira preferência dos arcos e turbilhões pela mão esquerda e das presilhas pela mão direita, o que se põe em destaque no quadro VII.

QUADRO VII

Figuras papilares	M. direita	M. esquerda	Diferença entre as duas mãos
	%	%	
Arcos	1,27	1,49	D < E
Presilhas	57,45	53,62	D > E
Turbilhões	41,28	44,89	D < E

QUADRO VIII

	M. direita											
	I		II		III		IV		V		Total	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
Arcos	3	50,00	2	33,33	1	16,67	—	—	—	—	6	100,00
Presilhas	47	17,41	40	14,81	63	23,33	40	14,81	80	29,63	270	100,00
Turbilhões	44	22,68	52	26,80	30	15,46	54	27,84	14	7,22	194	100,00
Total	94	20,00	94	20,00	94	20,00	94	20,00	94	20,00	470	100,00

	M. esquerda											
	I		II		III		IV		V		Total	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
Arcos	3	42,86	2	28,57	1	14,29	1	14,29	—	—	7	100,00
Presilhas	38	15,08	41	16,27	56	22,22	39	15,48	78	30,95	252	100,00
Turbilhões	53	25,12	51	24,17	37	17,54	54	25,59	16	7,58	211	100,00
Total	94	20,00	94	20,00	94	20,00	94	20,00	94	20,00	470	100,00

	M. direita + M. esquerda											
	I		II		III		IV		V		Total	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
Arcos	6	46,43	4	30,95	2	15,48	1	7,14	—	—	13	100,00
Presilhas	85	16,25	81	15,54	119	22,77	79	15,15	158	30,29	522	100,00
Turbilhões	97	23,90	103	25,49	67	16,50	108	26,71	30	7,40	405	100,00
Total	188	20,00	188	20,00	188	20,00	188	20,00	188	20,00	940	100,00

*
* *
*

Analisemos agora o que se passa com a distribuição das figuras papilares nos 5 dedos de ambas as mãos (quadro VIII). No que se refere aos arcos, eles surgem com valores bastante escassos, relativamente aos outros tipos de figuras e apenas no I, II e III dedos da mão direita e no I, II, III e IV dedos da mão esquerda. As presilhas atingem, tanto na mão direita como na esquerda, valores máximos no V dedo. A este segue-se na mão direita, o III, I, II-IV dedos e na esquerda o III, II, IV e I. Os valores mais elevados e os mínimos observados para os turbilhões recaem nas mãos, direita e esquerda, respectivamente no IV e V dedos.

No conjunto das duas mãos a sequência decrescente das frequências observadas para cada um dos 3 tipos de desenhos considerados segue bastante de perto a ordem assinalada para a mão direita, como facilmente pode constatar-se através do quadro VIII e especialmente do IX.

QUADRO IX

Figuras papilares	M. direita	M. esquerda	M. direita + M. esquerda
Arcos	I > II > III	I > II > III = IV	I > II > III > IV
Presilhas	V > III > I > II = IV	V > III > II > IV > I	V > III > I > II > IV
Turbilhões	IV > II > I > III > V	IV > I > II > III > V	IV > II > I > III > V

*
* *
*

Também para a seriação de Lautém se procedeu à análise estatística das frequências papilares registadas na mão direita e na esquerda. Mais uma vez foi organizada uma tabela de contingência (quadro X) a partir da qual foram calculados os χ^2 parciais, que conduziram a um χ^2 total de 1,408. Este valor surge nas tabelas correspondentes, para 2 g. l., com uma probabilidade compreendida entre 30 % e 40 %, o que nos permite concluir que não existem diferenças significativas entre as duas mãos.

QUADRO X

	Arcos	Presilhas	Turbilhões	Totais
M. direita . . .	6 (6,5)	270 (261)	194 (202,5)	470
M. esquerda . . .	7 (6,5)	252 (261)	211 (202,5)	470
Totais . . .	13	522	405	940

$$\chi_1^2 = 0,038 \quad \chi_3^2 = 0,310 \quad \chi_5^2 = 0,356 \quad \chi_t^2 = 1,408 \quad 30\% < P < 40\%$$

$$\chi_2^2 = 0,038 \quad \chi_4^2 = 0,310 \quad \chi_6^2 = 0,356$$

C) Tutuala

Mais uma vez a distribuição das frequências das figuras papilares registadas em cada uma das mãos, e nas duas conjuntamente, mantém a ordem verificada para a série de Lospalos e Lautém.

Efectivamente, como pode verificar-se através do quadro XI, em qualquer das mãos, ou nas duas em conjunto, os arcos existem

QUADRO XI

	Arcos		Presilhas		Turbilhões		Totais	
	n	%	n	%	n	%	n	%
M. direita	1	0,61	102	61,82	62	37,57	165	100,00
M. esquerda	3	1,82	92	55,76	70	42,42	165	100,00
M. direita + M. esquerda . . .	4	1,21	194	58,79	132	40,00	330	100,00

em quantidades mínimas, e as presilhas são bastante mais frequentes do que os turbilhões.

Para cada tipo de figura papilar, as diferenças das frequências observadas na mão direita e na esquerda não são muito acentuadas. Contudo, nota-se certa preferência dos arcos e turbilhões pela mão esquerda e das presilhas pela mão direita, como se faz notar no quadro XII.

QUADRO XII

Figuras papilares	M. direita	M. esquerda	Diferença entre as duas mãos
	%	%	
Arcos	0,61	1,82	D < E
Presilhas	61,82	55,76	D > E
Turbilhões.	37,57	42,42	D < E

*

* *

Procurando agora analisar o que se passa com a distribuição das frequências dos arcos, presilhas e turbilhões, nos cinco dedos de cada uma das mãos (quadro XIII), verificámos que os arcos surgem em escassíssima quantidade, relativamente às outras figuras papilares e apenas no II dedo da mão direita e no II e III dedos da mão esquerda. Os valores máximos de presilhas registam-se nas mãos direita e esquerda no V dedo, e os mínimos no II dedo. Quanto aos turbilhões eles surgem tanto à direita como à esquerda, preferentemente no II dedo, aparecendo em fracas quantidades no V dedo. Quer numa mão quer na outra, quer ainda nas duas conjuntamente registam-se no V dedo as mais altas frequências de presilhas e mínimas de turbilhões, e o contrário observa-se no II dedo.

Nota-se ainda na população de Tutuala certo paralelismo entre a mão esquerda e a mão direita, como pode notar-se especialmente através da sucessão decrescente dos valores encontrados nos 5 dedos de cada mão (quadro XIV). No conjunto das duas mãos as distribuições mantêm-se aliás como era de esperar — frequência mais elevada

QUADRO XIII

	M. direita											
	I		II		III		IV		V		Total	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
Arcos	—	—	1	100,00	—	—	—	—	—	—	1	100,00
Presilhas	18	17,65	14	13,73	24	23,53	19	18,63	27	26,47	102	100,00
Turbilhões	15	24,19	18	29,03	9	14,52	14	22,58	6	9,68	62	100,00
Total	33	20,00	33	20,00	33	20,00	33	20,00	33	20,00	165	100,00

	M. esquerda											
	I		II		III		IV		V		Total	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
Arcos	—	—	2	66,67	1	33,33	—	—	—	—	3	100,00
Presilhas	16	17,37	11	11,96	20	21,74	16	17,39	29	31,52	92	100,00
Turbilhões	17	24,29	20	28,57	12	17,14	17	24,29	4	5,71	70	100,00
Total	33	20,00	33	20,00	33	20,00	33	20,00	33	20,00	165	100,00

	M. direita + M. esquerda											
	I		II		III		IV		V		Total	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
Arcos	—	—	3	75,00	1	25,00	—	—	—	—	4	100,00
Presilhas	34	15,50	25	12,85	44	22,63	35	18,01	56	28,99	194	100,00
Turbilhões	32	24,24	38	28,80	21	15,83	31	23,43	10	7,69	132	100,00
Total	66	20,00	66	20,00	66	20,00	66	20,00	66	20,00	330	100,00

de presilhas no V dedo ao qual se segue o III, IV, I e II e de turbilhões no II dedo ao qual se segue o I, IV, III e V dedos. Quanto aos arcos surgem sempre (ou predominantemente) no II dedo.

QUADRO XIV

Figuras papilares	M. direita	M. esquerda	M. direita + M. esquerda
Ârcos . . .	II	II > III	II > III
Presilhas . .	V > III > IV > I > II	V > III > IV > I > II	V > III > IV > I > II
Turbilhões .	II > I > IV > III > V	II > I = IV > III > V	II > I > IV > III > V

*
* *
*

As diferenças entre as frequências das figuras dermopapilares encontradas no total dos 5 dedos da mão direita e da esquerda, foram também analisadas estatisticamente através do teste do χ^2 . Tal como para as séries estudadas anteriormente, igualmente aqui se organizou uma tabela de contingência na qual se registaram as frequências observadas e as respectivas frequências teóricas (entre parêntesis) relativas a arcos, presilhas e turbilhões (quadro XV).

QUADRO XV

	Ârcos	Presilhas	Turbilhões	Total de impressões
M. direita . .	1 (2)	102 (97)	62 (66)	165
M. esquerda . .	3 (2)	92 (97)	70 (66)	165
Totais . . .	4	194	132	330

$$\chi_1^2 = 0,50$$

$$\chi_3^2 = 0,26$$

$$\chi_5^2 = 0,24$$

$$\chi_t^2 = 2,00$$

$$30\% < P < 50\%$$

$$\chi_2^2 = 0,50$$

$$\chi_4^2 = 0,26$$

$$\chi_6^2 = 0,24$$

O χ^2 total obtido a partir dos χ^2 parciais, é de 2,00. Entrando nas tabelas correspondentes este valor surge, para 2 g. l. com uma probabilidade compreendida entre 30 % e 50 %, o que permite concluir que as diferenças encontradas não são significativas.

III — Comparação dos 3 grupos

Analisando estatisticamente, pelo teste do χ^2 , as diferenças das frequências observadas, no total dos 10 dedos de cada uma das três séries em estudo, verifica-se que o χ^2 total obtido é de 2,255, o que corresponde nas tabelas respectivas, para 4 graus de liberdade, a uma probabilidade compreendida entre 50 % e 70 %. Podemos pois concluir, que a distribuição das figuras papilares nas amostras consideradas, não é estatisticamente significativa.

QUADRO XVI

Regiões	Arcos	Presilhas	Turbilhões	Total
Lospalos	28 (26,6)	1082 (1063,8)	730 (749,6)	1840
Lautém	13 (13,6)	522 (543,4)	405 (383,0)	940
Tutuala	4 (4,8)	194 (190,8)	132 (134,4)	330
Total	45	1798	1267	3110

$$\begin{array}{lll} \chi_1^2 = 0,073 & \chi_4^2 = 0,311 & \chi_7^2 = 0,512 \\ \chi_2^2 = 0,026 & \chi_5^2 = 0,842 & \chi_8^2 = 1,263 & \chi_t^2 = 2,255 & 80\% < P < 70\% \\ \chi_3^2 = 0,133 & \chi_6^2 = 0,053 & \chi_9^2 = 0,042 \end{array}$$

IV — Conclusões

A partir do que se expôs atrás podemos assinalar o seguinte:

1 — Em todas as séries os arcos surgem sempre em percentagens mínimas, não ultrapassando nunca os 2 %.

2 — As presilhas, com percentagens superiores a 50 %, aparecem sempre como figuras mais frequentes.

3 — Os turbilhões mantêm uma posição intermédia, com valores próximos de 40 %.

4 — A predominância das presilhas sobre os turbilhões, constatada neste estudo, não é vulgar em populações orientais, embora segundo Georges Olivier se observe também em populações meridionais do Sudeste Asiático ⁽¹⁾.

5 — Há ligeira preferência pelo aparecimento dos arcos na mão esquerda em todas as séries.

6 — As presilhas manifestam certa preferência pela mão esquerda na população de Lospalos e pela mão direita na de Lautém e Tutuala.

7 — Os turbilhões surgem mais frequentemente na mão esquerda do que na direita, na população de Lospalos, atingindo valores mais elevados na esquerda do que na direita na população de Lautém e Tutuala.

8 — Em nenhuma das 3 séries a análise estatística, revelou diferenças significativas entre as frequências das figuras papilares observadas nas mãos direita e esquerda.

9 — Registaram-se arcos especialmente no I, II e III dedos nas séries de Lospalos e Lautém. Na de Tutuala verificaram-se apenas no II dedo da mão direita e no II e III dedos da mão esquerda.

10 — O V dedo é nos 3 casos o portador de frequências máximas de presilhas e mínimas de turbilhões.

(1) Georges Olivier — «*Les dermatoglyphes des Franco-Vietnamiens*» p. 98.

11 — As frequências mínimas de presilhas localizam-se geralmente no II e IV dedos.

12 — Os turbilhões localizam-se de preferência no IV dedo na série de Lautém e Lospalos e no II dedo na de Tutuala.

13 — Certas anomalias da série de Tutuala relativamente às outras séries poder-se-ão explicar talvez pela pequenez da série em relação às outras.

14 — As três séries não apresentaram entre si diferenças estatisticamente significativas no que respeita às frequências das figuras papilares observadas no conjunto das duas mãos.

Resumo

Estudaram-se neste artigo as impressões digitais de 184 indivíduos femininos Dagadá, (ou Fata-lucos), do posto sede de Lospalos, 94 do de Lautém e 33 do de Tutuala. Os resultados obtidos estão expressos no quadro seguinte:

Regiões	Arcos					Presilhas					Turbilhões				
	%			Frequência por dedos		%			Frequência por dedos		%			Frequência por dedos	
	M. d.	M. e.	Md+Me	Máx.	Mín.	M. d.	M. e.	Md+Me	Máx.	Mín.	M. d.	M. e.	Md+Me	Máx.	Mín.
Lospalos .	1,09	1,96	1,53	I	IV = V	58,69	58,91	58,80	V	II	40,22	39,13	39,67	IV	V
Lautém .	1,27	1,49	1,38	I	IV	57,45	53,62	55,53	V	IV	41,28	44,89	43,09	IV	V
Tutuala .	0,61	1,82	1,21	II	III	61,82	55,76	58,79	V	II	37,57	42,42	40,00	II	V

Verificou-se que, no que respeita ao estudo das mãos, na série de Lospalos, os turbilhões são mais frequentes na mão direita (embora com valores aproximados na M. d., M. e. e M. d. + M. e.), e as presilhas na esquerda, contrariamente ao que se passa na população de Lautém e Tutuala.

Quanto ao exame dos 5 dedos de cada uma das mãos, concluiu-se que em todas as amostras, se localizaram no V dedo as maiores frequências de presilhas e mínimas de turbilhões. Estes por sua vez atingiam valores máximos no II dedo na série de Tutuala e no IV na de Lautém e Lospalos.

Em nenhuma das amostras o teste do χ^2 revelou diferenças estatisticamente significativas entre as frequências dos 3 tipos de figuras digitais consideradas na mão direita e na esquerda.

Também através do cálculo estatístico do χ^2 foi possível concluir que as 3 séries em estudo não mostravam entre si diferenças significativas, no que se referia às frequências das figuras papilares registadas no conjunto dos 10 dedos das duas mãos.

Résumé

Les Auteurs ont étudié dans cet article les dermatoglyphes digitaux de 184 individus Dágadà, (ou Fata-luku) du sexe féminin du «Posto sede de Lospalos», 94 du «Posto de Lautém» et 33 du «Posto de Tutuala». Les resultats obtenus ont été inclus dans la table suivante:

Regions	Arcs					Boucles					Tourbillons				
	%			Frequence pour doigts		%			Frequence pour doigts		%			Frequence pour doigts	
	M. d.	M. g.	Md+Mg	Máx.	Min.	M. d.	M. g.	Md+Mg	Máx.	Min.	M. d.	M. g.	Md+Mg	Máx.	Min.
Lospalos .	1,09	1,96	1,53	I	IV=V	58,69	58,91	58,80	V	II	40,22	39,13	39,67	IV	V
Lautém .	1,27	1,49	1,38	I	IV	57,45	53,62	55,53	V	IV	41,28	44,89	43,09	IV	V
Tutuala .	0,61	1,82	1,21	II	III	61,82	55,76	58,79	V	II	37,57	42,42	40,00	II	V

On a vérifié, dans ce qui concerne l'étude des mains, que dans la série de Lospalos, les tourbillons sont plus fréquents à la main droite et les boucles à la main gauche et il arrive l'opposé chez la population de Lautém et Tutuala.

En ce rapportant maintenant a l'examen des 5 doigts de chacune des deux mains, on a conclu que toutes les échantillons, présentent au doigt V les valeurs les plus élevés de boucles et les moins élevés de tourbillons. Ceux-ci, à son tour, ont atteint les valeurs les plus élevés au doigt II, dans la série de Tutuala et au IV dans la série de Lautém et Lospalos.

Dans aucun des échantillons le test du χ^2 a révélé des différences statistiquement significatives entre les fréquences des trois types de dessins papillaires, considérées à la main droite et à la main gauche. L'application du test du χ^2 a aussi démontré que les 3 séries en étude ne présentaient parmi elles de différences statistiquement significatives, dans ce qui concerne les fréquences des dessins papillaires enregistrés dans l'ensemble des 10 doigts des deux mains.

Synopsis

This work refers to the study of the finger-prints of 311 females Dágadà (or Fata-luku) from the «Posto sede de Lospalos» (184), «Posto de Lautém» (94) and «Posto de Tutuala» (33).

The following table shows the obtained results:

Regions	Arches					Loops					Whorls				
	%			Frequencies by fingers		%			Frequencies by fingers		%			Frequencies by fingers	
	R. hand	L. hand	R.+L. hand	Max.	Min.	R. hand	L. hand	R.+L. hand	Max.	Min.	R. hand	L. hand	R.+L. hand	Max.	Min.
Lospalos .	1,09	1,96	1,53	I	IV=V	58,69	58,91	58,80	V	II	40,22	39,13	39,67	IV	V
Lautém	1,27	1,49	1,38	I	IV	57,45	53,62	55,53	V	IV	41,28	44,89	43,09	IV	V
Tutuala .	0,61	1,82	1,21	II	III	61,82	55,76	58,79	V	II	37,57	42,42	40,00	II	V

In Lospalos group, concerning the hand study, whorls occur more frequently on the right hand and loops occur more frequently on the left hand.

On the contrary, in Lautém and Tutuala groups, whorls are greater in number on the left hand, and loops are greater in number on the right hand.

Concerning the examination of the five fingers on each hand the finger V presents the highest frequencies of loops and minima frequencies of whorls; whorls get the maxima values on the finger II, in Tutuala groups while in Lospalos and Lautém groups the maxima values are found on the finger IV.

The calculation of χ^2 shows: in no group there are statistical significant differences among the frequencies of the 3 types of the considered finger-prints on both right and left hands; the 3 studied series do not present significant differences among themselves, concerning the frequencies of the finger-prints on the whole of the ten fingers on the two hands.

Bibliografia

- BIOT, J. e WANGERMEZ, J. — *Dermatoglyphes, groupes sanguins et morphotypes observés chez les Tahitiens. Influence du métissage*. In Bull. et Mém. de la Soc. d'Anthrop. de Paris, T. 3, n.º 4. Paris, 1968.
- COMAS, J. — *Manual de Antropologia Física*. Fondo de Cultura Económica. México, 1957.
- CUMMIS, H. e MIDLO, C. — *Finger prints, palms and soles*. Dover Publications, New York, 1961.
- FISHER, R. e YATES, F. — *Tablas estadísticas para investigadores científicos, económicos, demográficos y especialmente biológicos, agrónomos y médicos*. Aguilar, S. A. Madrid, 1942.
- HARRISON, G. A., WEINER, J. S., TANNER, J. M. e BARNICOT, N. A. — *Human Biology*. Clarendon Press. Oxford, 1969.
- LISON, L. — *Statistique appliquée à la Biologie expérimentale. La planification de l'expérience et l'analyse des résultats*. Gauthier-Villars. Paris, 1968.
- MARTIN, R. e SALLER, K. — *Lehrbuch der Anthropologie*. Gustav Fischer Verlag. Stuttgart, 1962.
- OLIVIER, G. — *Pratique Anthropologique*. Vigot frères. Paris, 1960.
- IDEM — *Anatomie Anthropologique*. Vigot frères. Paris, 1965.
- IDEM — *Les dermatoglyphes des Franco-Vietnamiens*. In Bull. et Mém. de la Soc. d'Anthrop. de Paris. T. 1, n.º 1. Paris, 1967.
- IDEM — *Anthropologie de l'Indochine*. «Rassengeschichte der Menschheit». R. Oldenbourg Verlag. München und Wien. s. d.

- PAULO, Leopoldina Ferreira — *Impressões digitais em chineses de Macau*. Sep. da Coleção «Memórias» (2.^a Série), n.º 37. Junta de Investigações do Ultramar. Lisboa, 1962.
- PINA, Luís de — *Dactiloscopia*. Livraria Bertrand. Lisboa, 1938.
- IDEM — *Dermopapiloscopia plantar nos portugueses*. Coimbra, 1938.
- RAKOTOSAMIMANANA, Berthe — *Étude des dermatoglyphes digito-palmaires de trois groupes ethniques malgaches* (Antandroy, Bara, Merina). Doctorat du 3^{ème} cycle. Paris, 1967 (stencil).
- SANTOS, H. M. e VALADAS, A. M. — *Arquivos provinciais do registo criminal e policial*. Ministério do Ultramar. Lisboa, 1961.
- SCHWIDETZKY, Ilse — *Die Neuz Rassenkunde*. Gustav Fisher Verlag. Stuttgart, 1962.

Escavações em dólmenes do concelho do Crato (Alto Alentejo)—IV

POR

Agostinho Isidoro

Naturalista do Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Corrêa»
e bolseiro do Instituto de Alta Cultura

Na campanha de escavações do ano de 1969, realizada na primeira quinzena de Setembro, procedemos à escavação das seguintes antas do concelho do Crato:

1 — Anta da Tapada da Lage de Peles

Esta anta fica situada na Tapada da Lage de Peles, na freguesia de Gáfete, distante da povoação do mesmo nome, uns 1000 m para leste.

Encontra-se muito danificada (figs. 1 e 7), mas ainda se vêem na sua posição inicial cinco dos seus esteios; apenas o 4 (1), que é o da *cabeceira*, parece estar íntegro; os outros estão incompletos.

As suas medidas (altura, largura e espessura máxima) são as seguintes:

1 — 1,10 m, 1,10 m e 0,30 m; 2 — 0,72 m, 1,20 m e 0,20 m;
3 — 1,70 m, 0,64 m e 0,35 m; 4 — 1,78 m, 1,62 m e 0,25 m e
5 — 1,37 m, 1,20 m e 0,15 m (2).

(1) Como nos trabalhos anteriores numeramos aqui também os esteios das antas, começando pelo da esquerda, a seguir à porta, no sentido dos ponteiros do relógio.

(2) A altura e a largura destes esteios e de todos os outros foram tiradas na face externa.

A câmara tem 2,30 m de diâmetro ântero-posterior e 1,87 m de transverso.

O corredor, voltado a leste, está representado apenas por uma pedra do lado sul, a do topo proximal.

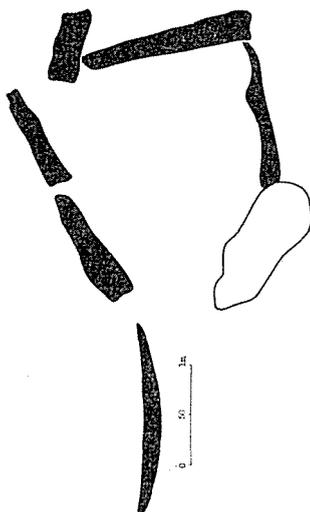


Fig. 1 — Planta da Anta da Tapada da Lage de Peles.

Junto à boca da anta, do lado norte, há uma pedra caída com 1,60 m de comprimento, que deve ter sido uma porção da cobertura da câmara.

Escavação

Comêçámos a escavação desta anta no terreno até onde teria existido o corredor. Junto ao topo distal da única pedra do corredor e a 50 cm de profundidade encontrámos próximos uns dos outros, os machados das figs. 14-c e 15-c, 16-a e 17-a e 16-b e 17-b.

Próximo destes machados, à mesma profundidade, estava a pedra da fig. 18-f, afeiçãoada intencionalmente, com um sulco longitudinal, também intencional.

O vaso da fig. 30-*a* estava subjacente aos materiais anteriores uns 5 cm e o da fig. 30-*b* um pouco à direita deste.

A placa das figs. 21 e 22 foi encontrada à profundidade de 60 cm junto, ao meio da pedra do corredor.

O machado das figs. 16-*g* e 17-*g* estava à profundidade de 60 cm, junto à extremidade anterior do esteio 1, e um pouco mais para oeste; à mesma profundidade, estava o machado das figs. 14-*d* e 15-*d*.

Subjacente a este machado, uns 10 cm, encontrámos as placas das figs. 27 e 28, uma ao lado da outra.

A meio da boca da anta e à profundidade de 50 cm, foi encontrado o vaso da fig. 30-*c*, o machado das figs. 14-*h* e 15-*h* e o das figs. 16-*d* e 17-*d*.

O enchimento da anta, que não apresentava qualquer estratificação, foi crivado e deu-nos uma conta de colar, de substância vítrea e de cor preta (fig. 13-*n*), uma ponta de seta (fig. 13-*k*) e vários fragmentos de cerâmica.

2 — Anta 1.^a do Vale d'Anta

Anta (figs. 2 e 8) situada num pequeno cabeço da margem esquerda do ribeiro do Vale d'Anta, freguesia de Gáfete. Uns 400 m a norte da anta passa a estrada municipal Monte da Pedra-Gáfete.

Foi visitada e descrita pelo Prof. Leite de Vasconcelos em Dezembro de 1920 (1).

Tem ainda seis esteios de granito, mesa e vestígios de corredor a leste. Falta-lhe o esteio 5.

O esteio 2 está incompleto; não tem a porção superior. O 3 também está incompleto no seu topo superior. O espaço que fica entre estes esteios e a mesa está ocupado por pedras pequenas colocadas ali pelos pastores da região, que usam a anta para abrigo do temporal e do calor. Os restantes esteios estão completos.

(1) Leite de Vasconcelos, *Notícias Arqueológicas do Alto Alentejo*, in «O Archeologo Português», vol. 25, Lisboa, 1928, págs. 118 a 123, VI est. com 28 figs.

Os esteios têm as seguintes medidas (altura, largura e espessura máxima), respectivamente:

1 — 1,65 m, 1,05 m e 0,50 m; 2 — 1,30 m, 1,50 m e 0,25 m;
3 — 1,75 m, 0,88 m e 0,45 m; 4 — 2,55 m, 1,72 m e 0,25 m;
6 — 2,40 m, 1,43 m e 0,26 m; 7 — 2,73 m, 1,45 m e 0,30 m.

O *chapéu* tem 2,80 m de comprimento e 2,60 m de largura máxima e assenta sobre os esteios 1, 4 e 7.

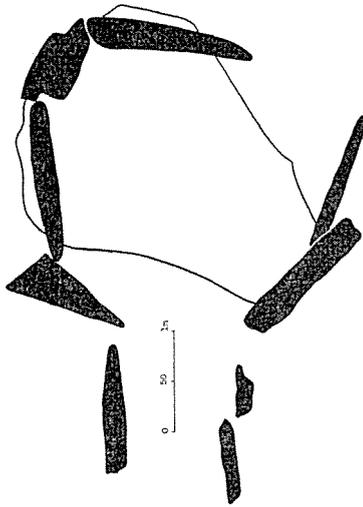


Fig. 2 — Planta da Anta 1.^a do Vale d'Anta.

Escavação

O enchimento do corredor com a espessura de uns 60 cm, não deu qualquer peça arqueológica; o da câmara dolmênica, com uma espessura muito irregular, que ia de 5 a 10 cm, constituído por terra poeirenta, deu um espólio muito escasso: uma pedra de grés (figs. 18-c), incompleta, polida nas duas faces, encontrada junto à extremidade anterior do esteio 1 da câmara, e à profundidade de 10 cm, que deve ter sido usada como pedra de *afiar*, vários fragmentos de cerâmica e duas pontas de seta (figs. 13-j e i).

A causa da escassez do espólio desta anta deve encontrar-se nos remeximentos frequentes dos pesquisadores de tesouros.

3 — Anta 2.^a do Vale d'Anta

É uma anta de reduzidas dimensões, localizada no Vale d'Anta, em terreno da freguesia de Gáfete (figs. 3 e 9).

A sul e a uns 300 m fica a 1.^a anta do Vale d'Anta.

Fora também registada em 1920 pelo Prof. Leite de Vasconcelos.

Restam apenas três esteios de granito, que supomos serem o 3, o 4 e o 5. O primeiro deve estar completo, ainda que inclinado um pouco para a câmara; tem 2,10 m de altura, 1,85 m de largura e 0,20 m de espessura máxima; o segundo parece estar na sua

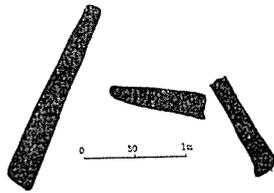


Fig. 3 — Planta da Anta 2.^a do Vale d'Anta.

posição primitiva e deve ter sido o da *cabeceira*; tem 1,25 m de altura, 0,95 m de largura e 0,23 m de espessura máxima; o último está representado pela sua porção inferior; tem 0,75 m de altura, 0,60 m de largura e 0,17 m de espessura máxima.

Não tem corredor.

Escavação

Não deu qualquer peça arqueológica.

4 — Anta da Tapada das Moses

Está situada na Tapada das Moses, na freguesia de Vale de Peso; a norte da anta e a uns 150 m passa a ribeira do Chamiço (figs. 4 e 9).

Desta anta restam apenas dois esteios de granito; um deles, o 4, que deve ser o da *cabeceira*, conserva ainda a posição primitiva; tem 2,20 m de altura, 2,00 m de largura e 0,31 m de espessura;

o outro, o 5, algo inclinado para a câmara, tem 2,20 m de altura, 1,50 m de largura e 0,40 m de espessura; há ainda duas pedras a sudeste, que devem ter pertencido a um ou outro esteio.

Não tem vestígios de corredor.

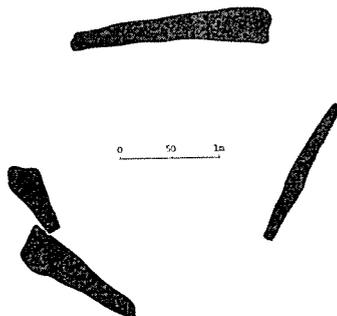


Fig. 4 — Planta da Anta da Tapada das Moses.

Escavação

Foi iniciada no terreno onde é hábito existir o corredor, apesar de hoje se encontrar lavrado. Aqui, à profundidade de 0,30 m, achámos o machado das figs. 14-e e 15-e. Um pouco mais adiante, isto é, andados 0,50 m, no local onde devia ter sido o meio da boca da anta, à profundidade de 50 cm, encontrámos os machados das figs. 16-e, 17-e, 14-g e 15-g e a placa das figs. 23 e 24; à mesma profundidade, mais 10 cm para norte destas peças estava o machado das figs. 14-b e 15-b; um pouco mais para norte, mas já na câmara da anta, junto ao bordo anterior do esteio 5 e à mesma profundidade, foram encontrados os machados das figs. 14-f e 15-f, 16-c e 17-c, 18-a, 14-a e 15-a.

As placas das figs, 19 e 26 estavam a meio do intervalo existente entre os esteios 4 e 5 juntamente com o machado da fig. 18-d.

5 — Anta do Couto do Ferrão

Fica no couto do Ferrão, em terrenos pertencentes à freguesia do Vale de Peso, distante da estrada municipal que vai da estrada Monte da Pedra-Crato, para Vale de Peso, uns 150 m para norte.

Tem hoje apenas três esteios (fig. 11) visíveis: o 1 está representado pela extremidade inferior espetada na terra; o 2, que é o maior, tem 2,40 m de altura, 1,65 m de largura e 0,30 m de espessura máxima, e o 3 com 1,30 m de altura, 0,85 m de largura e 0,42 m de espessura; na câmara dolménica, está enterrada uma pedra, partida em 3 porções, que deve ter sido o esteio da *cabeceira*.

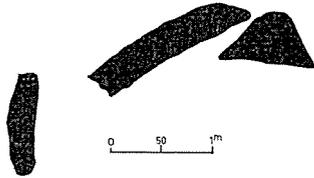


Fig. 5 — Planta da Anta do Couto do Ferrão.

Escavação

Deu apenas um machado (fig. 18-*b*), à superfície do terreno arável no local onde costuma existir o corredor e dois fragmentos de cerâmica no enchimento da câmara dolménica.

6 — Anta do Couto do Vale Magro

Está situada num pequeno cabeço, despido de vegetação, denominado *fonte da costa*, do couto do Vale Magro, em terrenos da freguesia de Monte da Pedra, na margem esquerda da ribeira do Aguilhão, que lhe passa a norte e a uns 150 m.

Teve inicialmente sete esteios. Hoje está muito danificada (figs. 6 e 12); o 1 está partido transversalmente ao rés-da-terra; o 2 caído na câmara dolménica, assenta sobre o 4, que lhe está subjacente, caído também; o 3 falta; o 5 está incompleto e tombado para a câmara; do 6 resta apenas a porção inferior, fora do lugar primitivo; o 7 é o único que está conservado no lugar primitivo, ainda que um pouco inclinado para dentro. São todos de granito.

O desmoronamento desta anta deve ter sido originado pelas lavouras anuais, que lhe escavaram a mamoa.

As medidas dos esteios (altura, largura e espessura máxima) são respectivamente:

1 — 0,70 m, 1,20 m e 0,28 m; 2 — 1,80 m, 1,50 m e 0,48 m;
5 — 1,05 m, 0,83 m e 0,25 m; 6 — 1,40 m, 1,17 m e 0,33 m e
7 — 2,70 m, 1,37 m e 0,30 m.

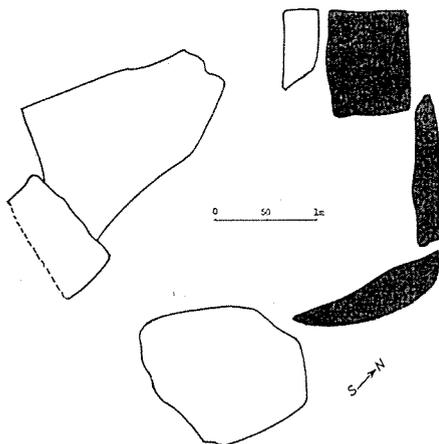


Fig. 6 — Planta da Anta do Couto do Vale Magro.

Escavação

O local da boca da anta está ocupado por uma grande pedra, que deve ter pertencido ao *chapéu*. Para fora desta pedra, à superfície do terreno, foi encontrado o machado das figs. 16-*f* e 17-*f*.

Subjacente àquela pedra, mas já dentro da câmara dolménica, à superfície do enchimento, estava a placa da fig. 25 e o machado das figs. 16-*h* e 17-*h*.

Foi este o único material arqueológico que nos deu esta anta. No entanto, é possível que, por baixo do esteio 4, que nos não foi possível remover, exista mais alguma peça arqueológica.

*
* * *

Espólio

O espólio destas antas é constituído por objectos de adorno (contas), instrumentos de pedra lascada (pontas de seta e facas),

e de pedra polida (machados), uma porção de cristal de quartzo defumado, placas-ídolos, uma pedra afeiçoada com um sulco longitudinal e cerâmica.

Objectos de adorno

Temos apenas duas contas encontradas no crivo. Uma, a da fig. 13-*n*, da anta da Tapada da Lage de Peles, de substância vítrea, de cor de azeviche, com 13 mm de diâmetro e 5 mm de espessura; e outra, a da fig. 13-*m*, da anta da Tapada das Moses, de cor negro sujo, talvez de grés micáceo, com 17 mm de diâmetro, 21 mm de altura e 8 mm de espessura no bojo.

Material lítico

É constituído por pontas de seta, facas, machados, uma pedra afeiçoada de talhe intencional e uma porção de cristal de quartzo defumado.

Temos onze pontas de seta (figs. 13-*a, b, c, d, e, f, g, h, i, j, k*). Destas, nove estão completas.

Quatro têm a base em ponta triangular (*h, i, j, k*), três a base recta (*e, f, g*) e quatro (*a, b, c, e d*) a base mais ou menos convexa.

Algumas destas pontas de seta têm finos retoques faciais e bordos serrilhados.

Nove são de sílex e duas de quartzo branco leitoso. As primeiras têm a coloração bege, acastanhada, rósea, amarelo acastanhado ou avermelhada.

As pontas de seta *i* e *j* são da anta 1.^a do Vale d'Anta, a *k* da anta da Tapada da Lage de Peles e todas as outras são da anta da Tapada das Moses.

A ponta de seta maior (*i*) é a mais artística; tem base triangular, com bordos finamente serrilhados; uma face lisa e a outra facetada; é de coloração avermelhada e tem 46 mm de comprimento.

Há três fragmentos de facas de sílex, um maior (fig. 13-*l*) e dois outros mais pequenos (fig. 13-*o, p*), todos com os bordos retocados e todos da anta da Tapada das Moses.

As antas escavadas deram-nos 19 machados de pedra polida de xisto anfibolítico, de secção rectangular; 9 são da anta da Tapada

das Moses, 7 da anta da Tapada da Lage de Peles, 2 da anta do couto do Vale Magro e 1 da anta do couto do Ferrão.

A seguir damos as medidas, características e o estado de conservação destes machados:

machado das figs. 14-*a* e 15-*a*, de gume algo arqueado, com ligeiros vestígios de uso, polido nas duas faces, com 15,5 cm de comprimento, 5,1 cm de largura máxima e 4 cm de espessura máxima;

machado das figs. 14-*b* e 15-*b*, de gume um pouco arqueado e bem afiado, com ligeiros vestígios de uso, faces polidas em quase toda a sua extensão, com 14,6 cm de comprimento, 5,4 cm de largura máxima e 4,2 cm de espessura máxima;

machado das figs. 14-*c* e 15-*c*, de gume arqueado e bem afiado, sem vestígios de uso, apenas polido no gume, com 15,7 cm de comprimento, 5 cm de largura máxima e 3,5 cm de espessura máxima;

machado das figs. 14-*d* e 15-*d*, de gume bem arqueado, com sinais de uso, uma face bem polida e a outra apenas ligeiramente polida, com 13,4 cm de comprimento, 4,7 cm de largura máxima e 4,1 cm de espessura máxima;

machado das figs. 14-*e* e 15-*e*, de gume bem arqueado, com vestígios leves de uso, ligeiramente polido nas faces, com 14,1 cm de comprimento, 5,3 cm de largura máxima e 2,7 cm de espessura máxima;

machado das figs. 14-*f* e 15-*f*, de gume arqueado e bem afiado, sem vestígios de uso, faces polidas, com 10,4 cm de comprimento, 4,4 cm de largura máxima e 3,3 cm de espessura máxima;

machado das figs. 14-*g* e 15-*g*, de gume pouco arqueado, mas bem afiado, com vestígios de uso e faces algo polidas, 14 cm de comprimento, 5,8 cm de largura máxima e 3,2 cm de espessura máxima;

machado das figs. 14-*h* e 15-*h*, de gume arqueado, bem afiado, sem vestígios de uso, de faces polidas, com 11,3 cm de comprimento, 5,3 cm de largura máxima e 4,7 cm de espessura máxima;

machado das figs. 16-*a* e 17-*a*, de gume arqueado e bem afiado, com sinais de uso, polido só no gume, com 13 cm de comprimento, 5,6 cm de largura máxima e 2 cm de espessura máxima;

machado das figs. 16-*b* e 17-*b*, de gume quase recto, bem aguçado com ligeiros vestígios de uso, polido apenas no gume, de

corpo um pouco arqueado, com 12,9 cm de comprimento, 5,7 cm de largura máxima e 2 cm de espessura máxima;

machado das figs. 16-*c* e 17-*c*, de gume muito arqueado e afiado com ligeiros sinais de uso, polido nas faces e bordos, com 12,6 cm de comprimento, 5,2 cm de largura máxima e 1,8 cm de espessura máxima;

machado das figs. 16-*d* e 17-*d*, de gume arqueado e aguçado, com ligeiros vestígios de uso, polido nas faces e bordos, com 11,5 cm de comprimento, 5,6 cm de largura e 1,80 cm de espessura máxima;

machado das figs. 16-*e* e 17-*e*, de gume arqueado e afiado, com ligeiros sinais de uso, faces polidas, com 9,7 cm de comprimento, 6 cm de largura máxima e 2 cm de espessura máxima;

machado das figs. 16-*f* e 17-*f*, de gume bem arqueado e bem afiado, com ligeiros vestígios de uso, fruste polimento nas faces, com 9,9 cm de comprimento, 5,6 cm de largura máxima e 1,7 cm de espessura máxima;

machado das figs. 12-*g* e 13-*g*, de gume bem arqueado e afiado, com ligeiros vestígios de uso, faces polidas, com 8,7 cm de comprimento, 5,6 cm de largura máxima e 2,3 cm de espessura máxima;

machado das figs. 16-*h* e 17-*h*, de gume destruído, faces polidas, com 11,2 cm de comprimento, 6,6 cm de largura e 3 cm de espessura máxima;

machado da fig. 18-*a*, de gume pouco afiado e com sinais de uso, uma face e bordos bem polidos, com 10,4 cm de comprimento, 2,7 cm de largura máxima e 2,2 cm de espessura máxima;

machado da fig. 18-*b*, de gume quase recto, bem afiado, com algum uso, faces lisas, com 9,1 cm de comprimento, 3,7 cm de largura máxima e 2,9 cm de espessura máxima;

machado da fig. 18-*d*, de gume recto e rombo, faces rugosas, 8,9 cm de comprimento, 3,7 cm de largura máxima e 3,4 cm de espessura máxima.

A pedra da fig. 18-*f*, que tem aspecto de ser de formação gneiseana, tem 3,7 cm de diâmetro máximo e pesa 150 gramas. É de forma arredondada intencional e tem um sulco longitudinal também intencional.

Na anta 1.^a do couto do Biscaia encontrámos também uma pedra semelhante à anterior mas com o sulco transversal (1).

A porção de cristal de quartzo defumado da fig. 18-e terá sido usada para fazer pontas de setas?

Placas-idolos

Nestas antas encontrámos 7 placas-ídolos e três fragmentos de outras placas, algumas delas pouco vulgares e com decoração nas duas faces.

A placa das figs. 19 e 20, de xisto algo azulado, tem a forma quase rectangular, cantos inferiores truncados, lados ligeiramente curvos, bases rectas, faces um pouco abauladas, dois orifícios na extremidade superior e dois entalhes laterais, na mesma extremidade.

Dimensões: 18,4 cm de comprimento, 9,2 cm de largura máxima e 1,45 cm de espessura máxima.

Decoração: decorada nas duas faces; numa delas (fig. 19), a decoração é mais nítida, ainda que num ou noutro ponto esteja quase apagada; é constituída por figuras triangulares e rectangulares riscadas; no terço inferior há duas linhas transversais; na sua metade superior, aos lados, tem duas depressões arredondadas, cujo significado desconhecemos.

A decoração da outra face (fig. 20) é pouco perceptível.

A placa das figs. 21 e 22 é de xisto preto, de forma quase rectangular, cantos vivos, lados quase rectos, base um pouco convexa e três orifícios na extremidade superior.

Dimensões: 16,8 cm de comprimento, 8,4 cm de largura e 0,4 cm de espessura.

Decoração: existe nas duas faces; a extremidade superior da face da fig. 21 tem na parte mais alta e a meio uma figura angular de vértice inferior, que pode bem representar um nariz humano, ladeada por traços transversais, que podem interpretar-se por tatuagens; inferiormente a estes há lateralmente dois sulcos

(1) Agostinho F. Isidoro, *Escavações em dólmenes do concelho do Crato (Alto Alentejo) — III*, in «Anais da Faculdade de Ciências do Porto», Vol. LIV, fasc. 1.º e 2.º, Porto, 1970, págs. 145 a 160, XIX est. e 20 figs.

oblíquos descendentes; dois traços transversais dividem esta face em três porções, com figuras triangulares lisas e tracejadas.

A face da fig. 22 tem uma decoração muito singular: além das figuras angulares gravadas ao longo dos bordos e na base inferior, tem uma grande figura triangular na sua metade inferior.

A placa das figs. 23 e 24 tem a forma quase rectangular, cantos arredondados, bordos laterais de contorno liso, convexo nos extremos, e côncavo na parte média; bordo superior, recto e inferior, convexo.

A pátina que a envolve não permite saber de que substância é feita. Na sua extremidade superior, a meio, tem um orifício cónico.

Dimensões: 18,8 cm de comprimento, 9,1 cm de largura máxima e 1,5 cm de espessura.

Decoração: apresenta-a nas duas faces; a da fig. 23 tem uma decoração incisa, muito singular e até talvez única, que nos lembra uma figura humana esquematizada; a da fig. 24 tem gravadas três linhas quebradas: uma superior com seis segmentos, outra média com cinco e uma inferior com quatro.

A placa da fig. 25 é de xisto preto, de forma rectangular, bordos laterais quase rectos e com dois entalhes laterais que isolam a parte média superior; nesta há dois orifícios.

Dimensões: 16,1 cm de comprimento, 10,4 cm de largura máxima e 0,8 cm de espessura máxima.

Decoração: é decorada apenas numa face (fig. 25); a porção média superior tem vestígios de decoração, mas no corpo da placa há muitas figuras triangulares lisas e tracejadas dispostas em 10 fiadas.

A placa da fig. 26 está incompleta; falta-lhe uma pequena porção da extremidade superior; é de xisto preto, de forma quase rectangular, de cantos arredondados e bordos laterais, superior e inferior convexos.

Dimensões: 14,4 cm de comprimento, 9,1 cm de largura máxima e 0,7 cm de espessura.

Decoração: existe apenas numa face (fig. 26); dois traços transversais dividem esta face em três porções; a superior tem uma figura angular ao centro, de vértice para baixo; lateralmente há faixas lisas e gravadas; a média tem várias faixas lisas e gravadas

dispostas obliquamente e a inferior tem igualmente várias faixas dispostas como a anterior.

A placa da fig. 27 é de xisto preto e de forma trapezoidal; com contornos laterais rectos; o superior e inferior convexos; os cantos ligeiramente vivos; dois orifícios bicónicos na extremidade superior.

Dimensões: 16,2 cm de comprimento, 10,2 cm de largura máxima e 0,7 cm de espessura máxima.

Decoração: existe só numa face (fig. 27); a outra é lisa, Cinco traços transversais dividem a face decorada em seis porções; a superior tem a meio um sulco de alto abaixo, donde partem para os bordos laterais três riscos quase paralelos. Apresenta dois orifícios, em volta dos quais há uma decoração concêntrica um pouco apagada.

A porção inferior àquela é uma faixa lisa e estreita.

As quatro inferiores têm figuras triangulares, lisas e riscadas por traços paralelos à base dos triângulos.

A placa da fig. 28 é também de xisto preto; está incompleta; as duas porções que ajustámos foram encontradas um pouco afastadas uma da outra, com fracturas antigas. Tem forma trapezoidal, bordos laterais rectos; o bordo inferior é um pouco convexo, o canto inferior esquerdo arredondado e o direito em ângulo de vértice patente.

Dimensões: 14,2 (?) cm de comprimento, 8,7 cm de largura máxima e 0,5 cm de espessura máxima.

Decoração: tem-a apenas numa face (fig. 28); a outra é lisa; a face decorada tem 6 traços transversais e entre eles há figuras triangulares.

A fig. 29 mostra três fragmentos de placas. O *a* e o *c* são de xisto micáceo, sem gravação; têm a particularidade de apresentarem depressões arredondadas semelhantes às da placa da fig. 19 da anta da Tapada das Moses. Os fragmentos referidos foram encontrados na anta da Tapada da Lage de Peles. Estas duas antas ficam distantes uma da outra uns seis km.

O fragmento da fig. 29-*b* é um canto duma placa com gravação triangular.

Pedra de afiar

A fig. 18-c é de uma pedra de afiar, de grés, com 13,3 cm de comprimento, 6,2 cm de largura máxima e 3 cm de espessura máxima; foi encontrada na anta 1.^a do Vale d'Anta.

Cerâmica

Das antas escavadas, a da Tapada da Lage de Peles é a mais rica em cerâmica, constituída pelos três vasos da fig. 30-a, b e c, reconstituídos quase totalmente, por mais 11 fragmentos de bordos e ainda por muitos fragmentos de vários tamanhos. O número de vasos desta anta, a ajuizar pelos tipos e natureza dos fragmentos e dos 3 vasos quase inteiros, devia ser de cerca de 17.

Dos vasos reconstituídos o maior (fig. 30-a) tem 56 mm de altura e 104 mm de diâmetro interior e o menor (fig. 30-c), 36 mm de altura e 66 mm de diâmetro interior.

A espessura maior dos fragmentos é 17 mm e a menor 4 mm.

A anta 1.^a do Vale d'Anta deu-nos uma cerâmica muito fragmentada, constituída por 7 fragmentos de bordos de vasos e outros de fundos e bojos.

Nestes fragmentos a espessura maior é 11 mm e a menor 5 mm.

A anta da Tapada das Moses deu vários fragmentos de cerâmica; destes, 4 são bordos de vasos; a espessura maior é 21 mm e a menor 5 mm.

A do couro do Vale Magro deu apenas alguns fragmentos de cerâmica; dois são bordos.

A cerâmica destas antas corresponde, duma maneira geral, quer na cor, quer na natureza do seu fabrico, à cerâmica das antas escavadas por nós no concelho do Crato em anos anteriores, com predomínio da cerâmica cinzento-acastanhada.

Conclusões e cronologia

Apresentamos neste trabalho o resultado das escavações realizadas em seis antas do concelho do Crato, na primeira quinzena de Setembro de 1969.

De todas elas apenas a 1.^a anta do Vale d'Anta tem ainda um estado razoável de conservação, mantendo o *chapéu* ou *mesa* no seu lugar primitivo.

Das seis antas apenas duas têm vestígios de corredor.

O enchimento das câmaras dolménicas, constituído por terra *rota*, e as peças recolhidas, muitas com fracturas antigas, são prova evidente de que estas antas foram violadas por pesquisadores de tesouros, possivelmente mais do que uma vez.

O enchimento da câmara da anta 1.^a do Vale d'Anta deve ter sido removido na sua maior parte há muito tempo, pois num ponto ou noutro a sua espessura não excede 5 cm.

Os elementos arqueológicos encontrados são na sua quase totalidade semelhantes aos das outras antas do referido concelho. Exceptuam-se as placas-ídolos das figs. 19 e 20, 23 e 24 que são dois tipos que nos apareceram pela primeira vez nas escavações que há anos vimos fazendo no Alto Alentejo.

Há também uma pedra intencionalmente arredondada e de forma alongada (fig. 18-f), de formação gneisseana, com um sulco longitudinal, semelhante a uma outra que fora encontrada na anta 1.^a do couto do Biscaia, cuja função desconhecemos, por saírem fora do material corrente das câmaras dolménicas.

A cerâmica destas antas é menos numerosa do que a da anta 1.^a do couto do Biscaia.

Pela qualidade e coloração da sua pasta pertence aos três tipos de cerâmica cinzenta, avermelhada e preta, muito frequentes nas antas alentejanas.

Quanto à cronologia destes dólmenes continuamos a admitir, como nas antas escavadas anteriormente, que devem pertencer ao neolítico peninsular, devido especialmente à existência de pontas de seta de base triangular, características desse período.

Há que continuar as escavações nos dólmenes do concelho do Crato e doutros concelhos alentejanos, para uma maior colheita de elementos que darão novas achegas para o estabelecimento mais seguro da cronologia dolménica alentejana.



Fig. 7 — Anta da Tapada da Lage de Peles, vista do lado sul.



Fig. 8 — Anta 1.ª do Vale d'Anta, vista do lado sul.



Fig. 9 — Anta 2.ª do Vale d'Anta, vista do lado sul.



Fig. 10 — Anta da Tapada das Moses, vista do lado sul.



Fig. 11 — Anta do couto do Ferrão, vista do lado oeste.



Fig. 12 — Anta do couto do Vale Magro, vista do lado sul.

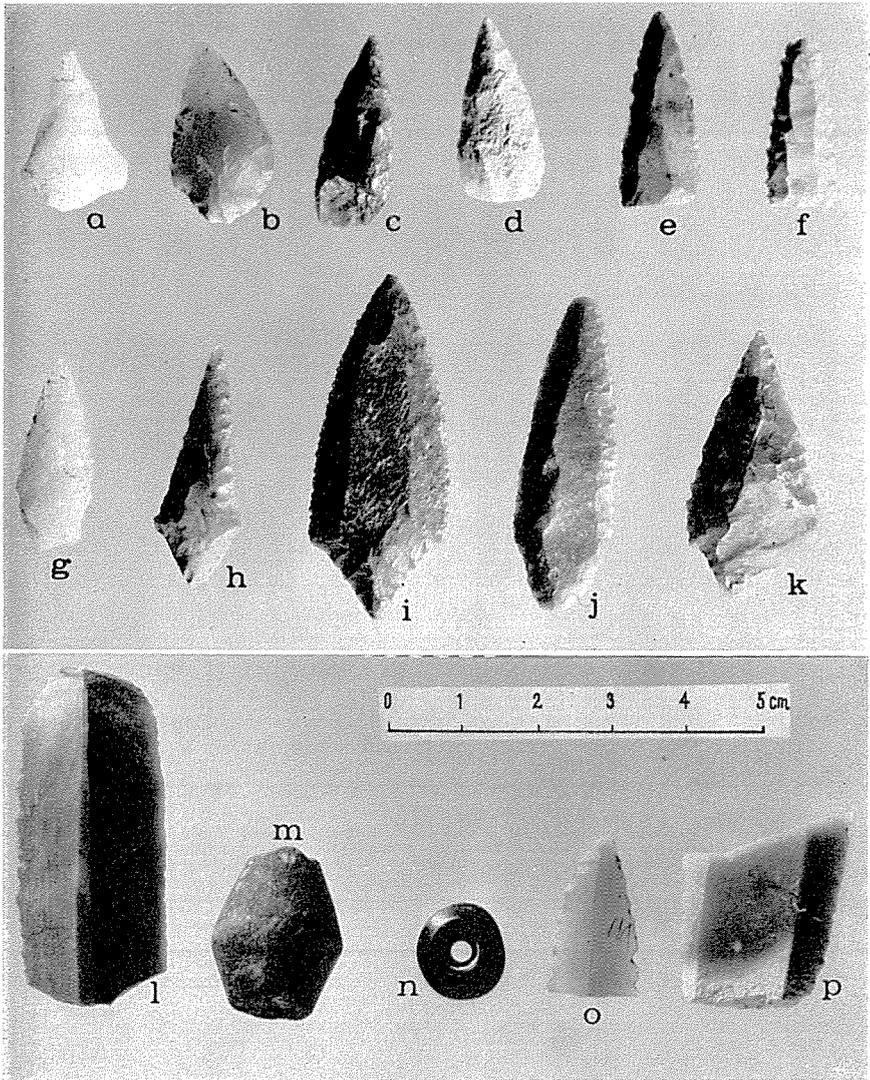


Fig. 13 — Peças líticas e de adorno.

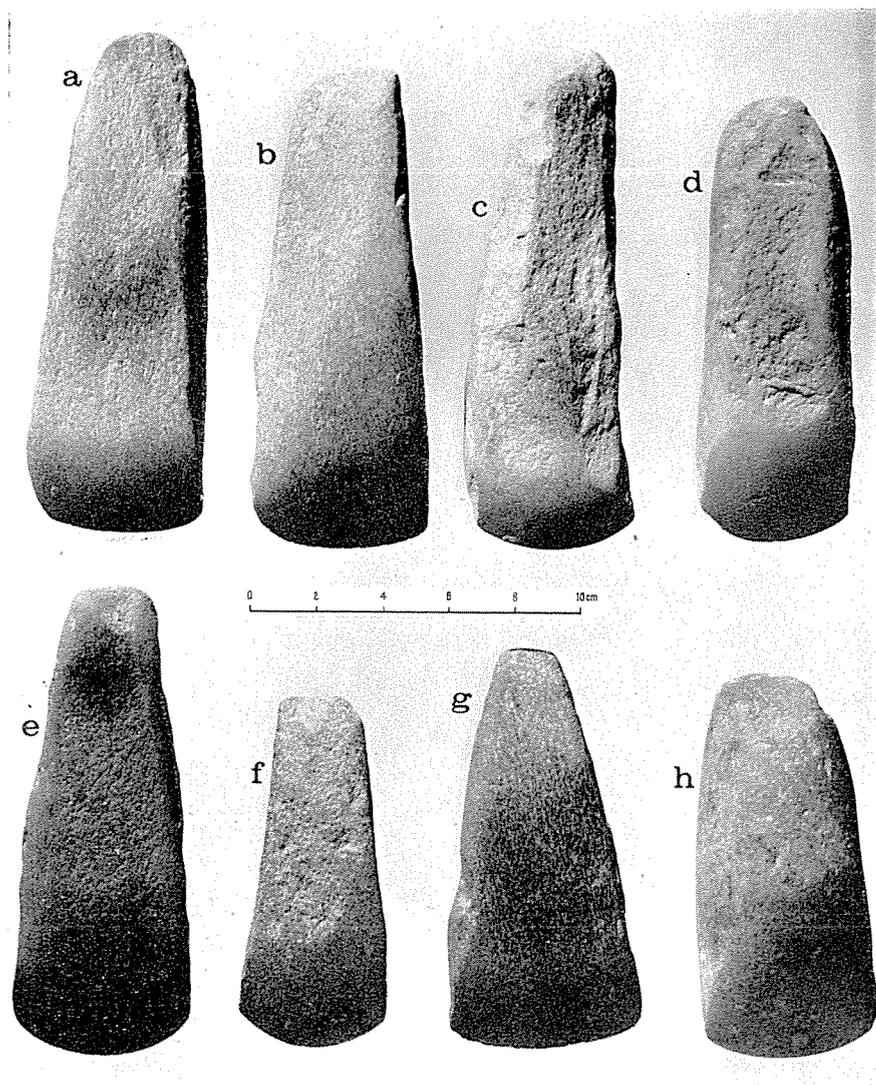


Fig. 14 — Machados de pedra vistos de frente.

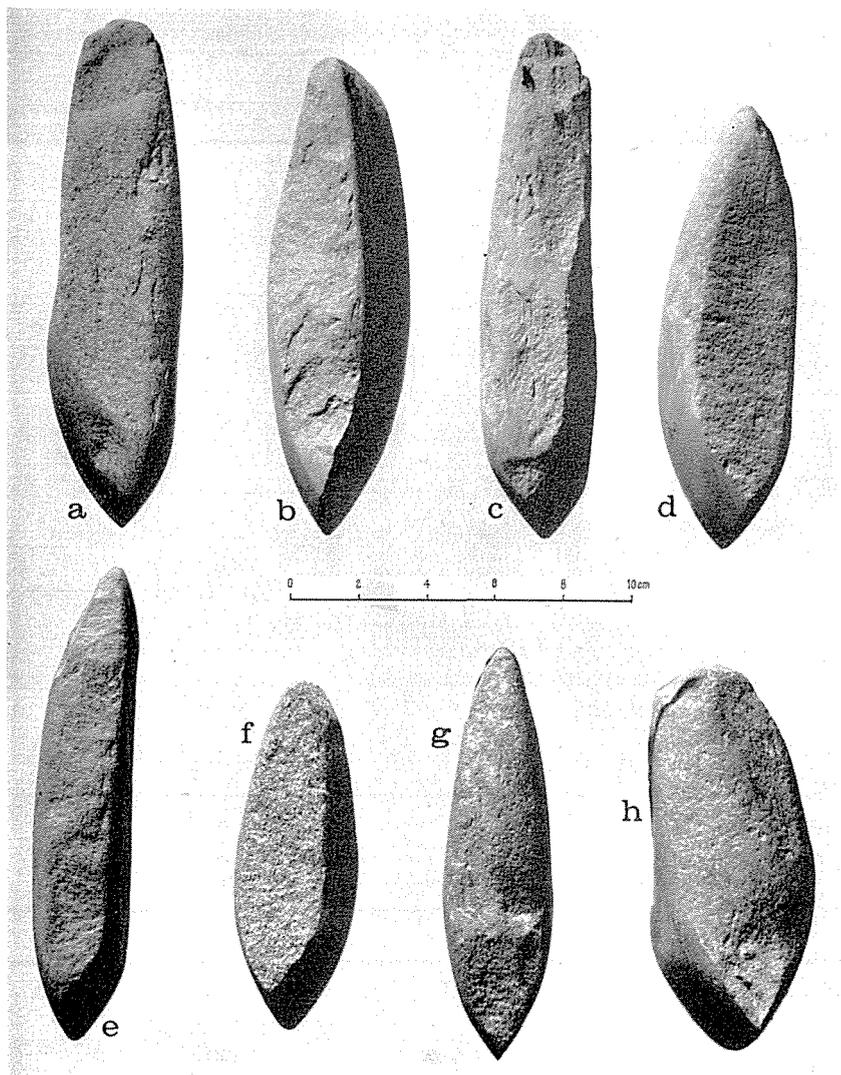


Fig. 15 — Machados da figura anterior vistos de perfil.

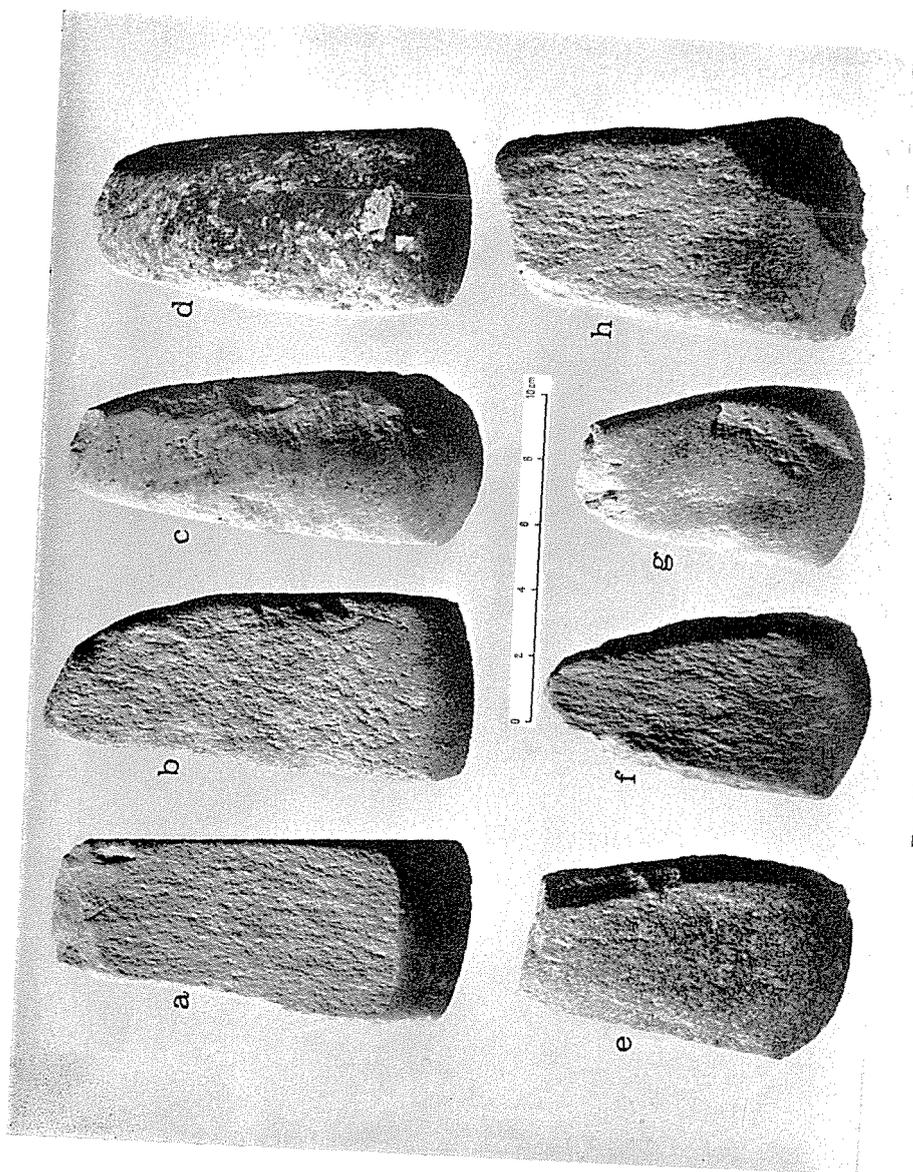


Fig. 16 — Machados de pedra vistos de frente.

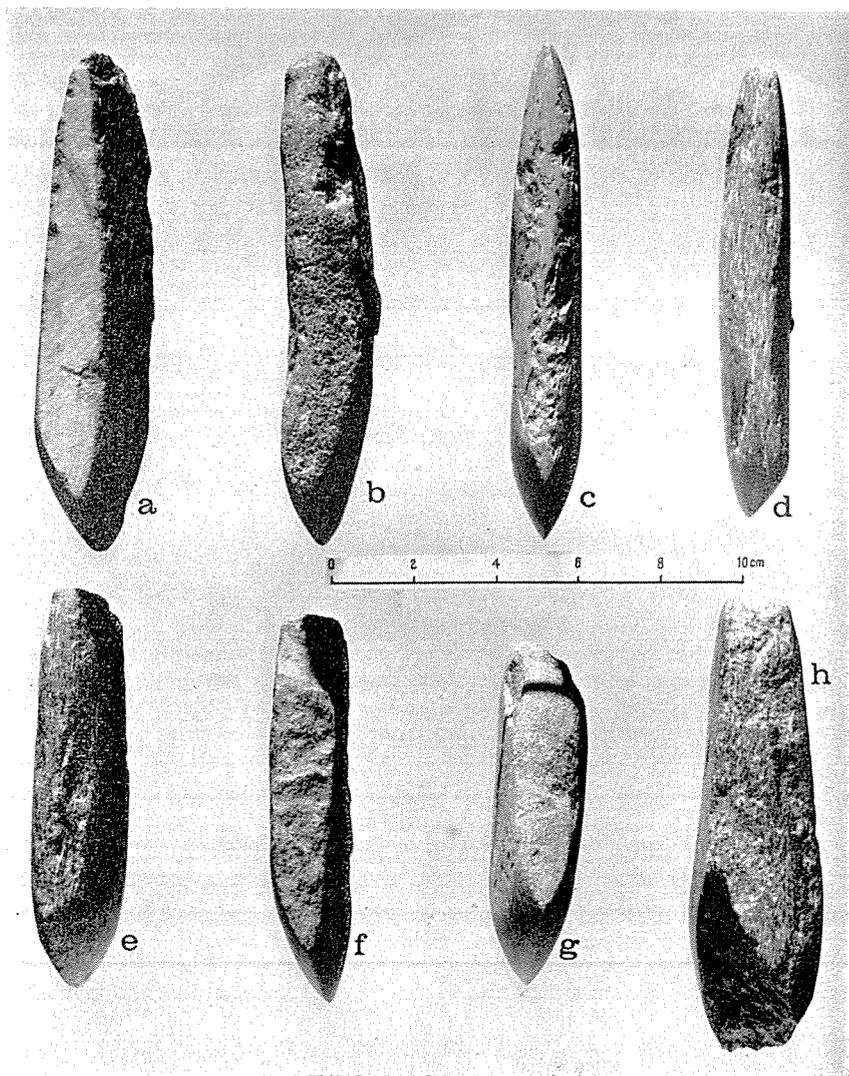


Fig. 17 — Os machados da figura anterior vistos de perfil.

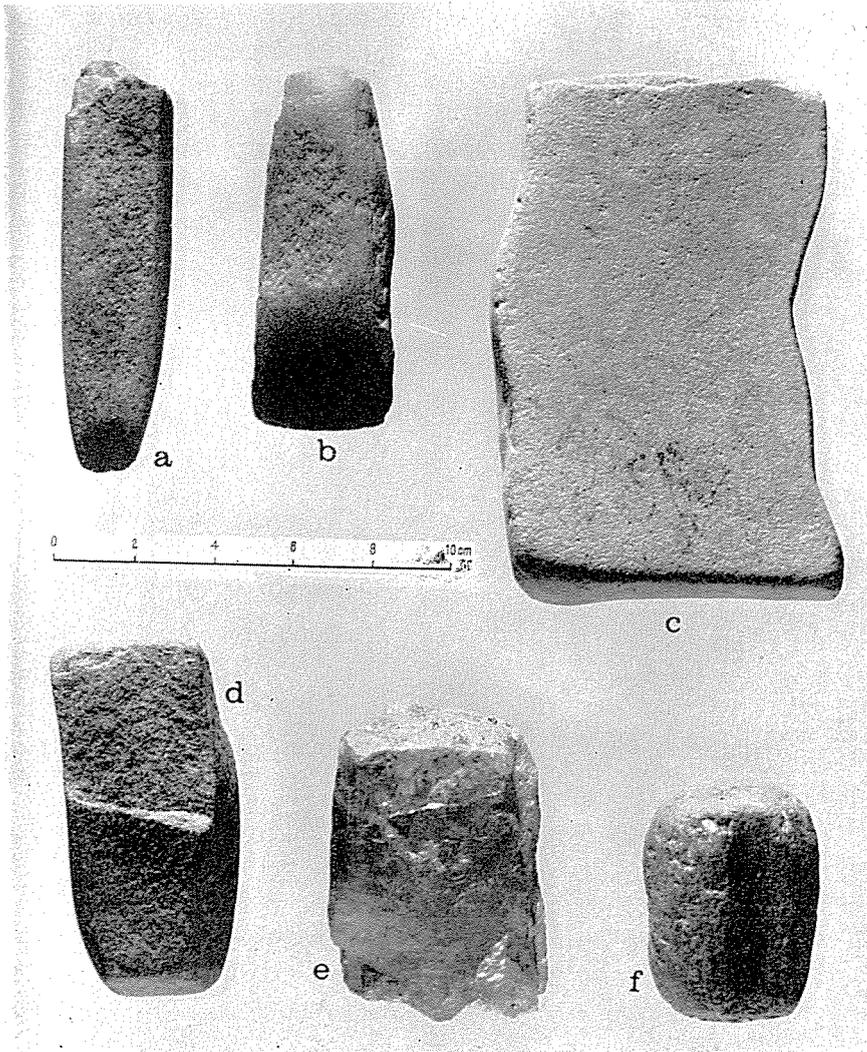


Fig. 18 — Machados de pedra, pedra de afiar, cristal de quartzo e pedra com sulco longitudinal.

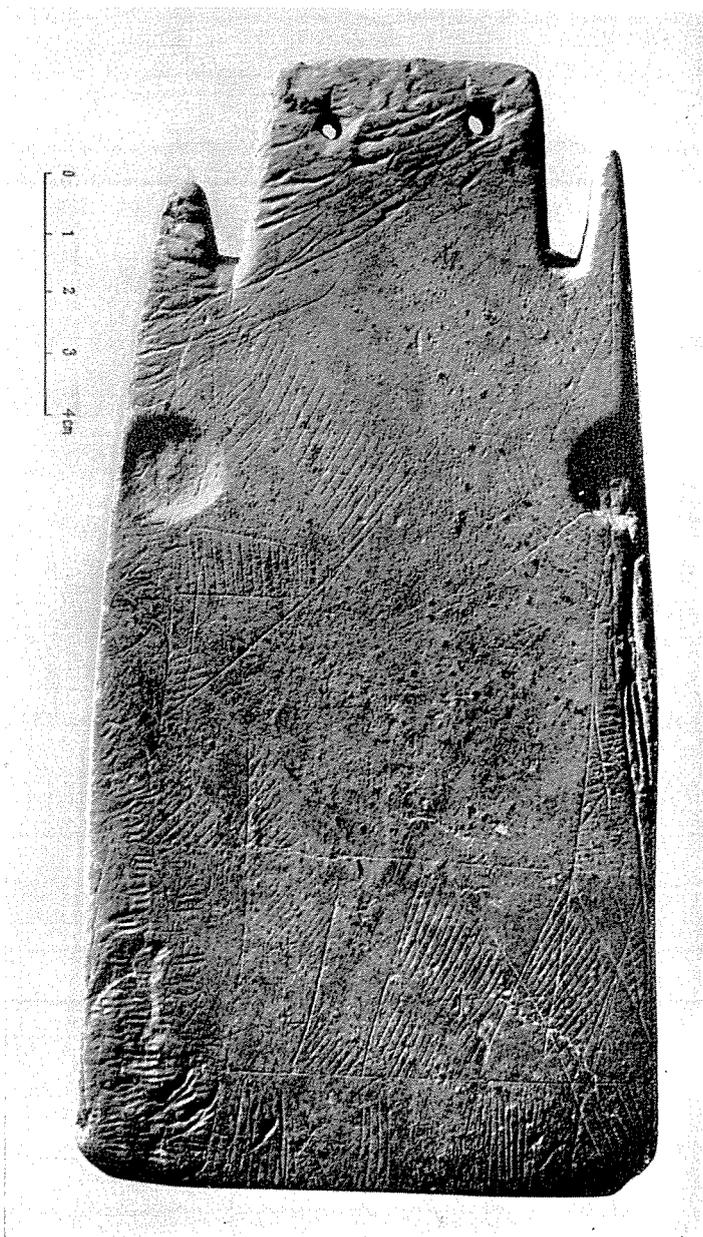


Fig. 19 — Placa-ídolo.



Fig. 20 — A outra face da placa da figura anterior.

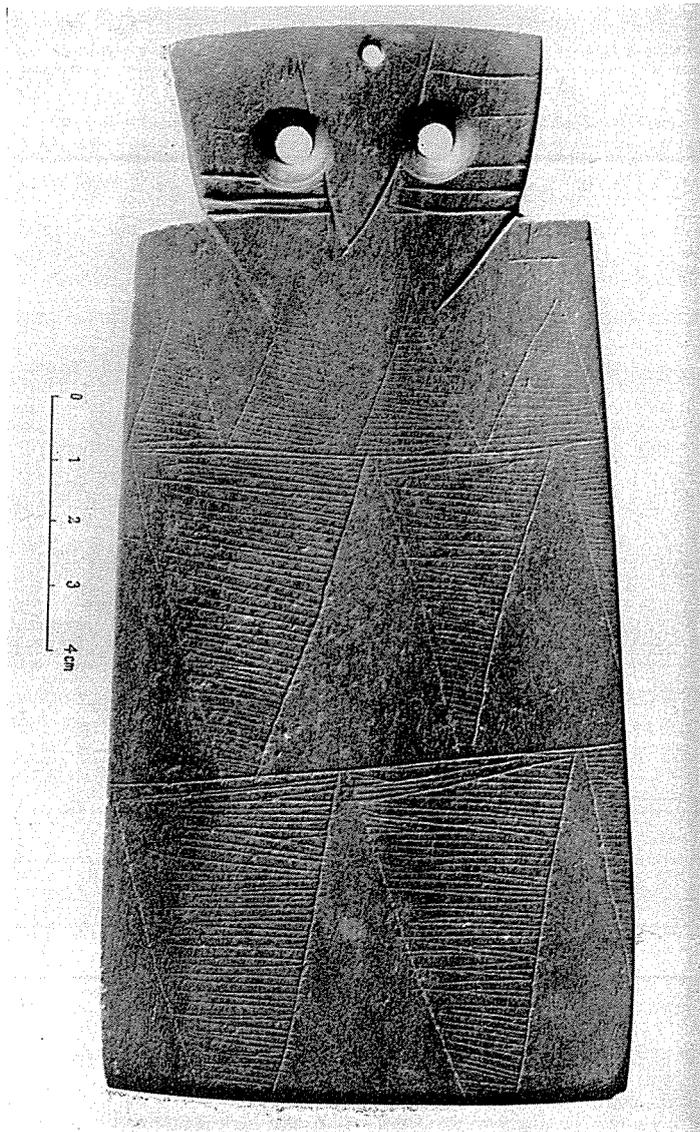


Fig. 21 — Placa-ídolo.

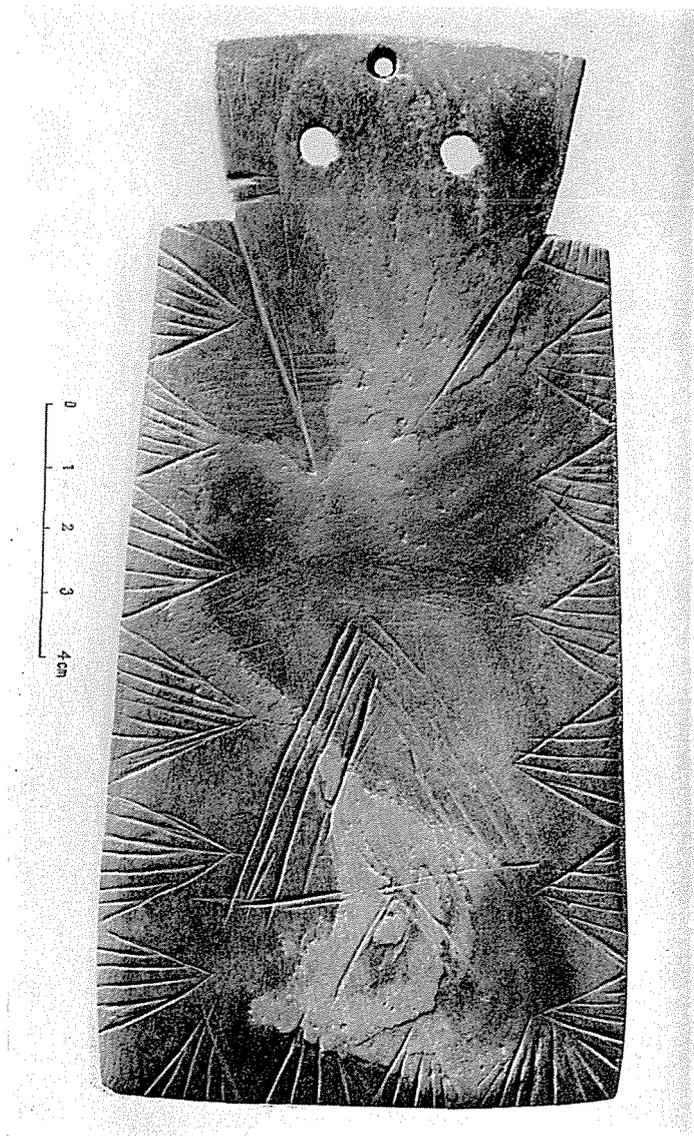


Fig. 22 — A outra face da placa da figura anterior.

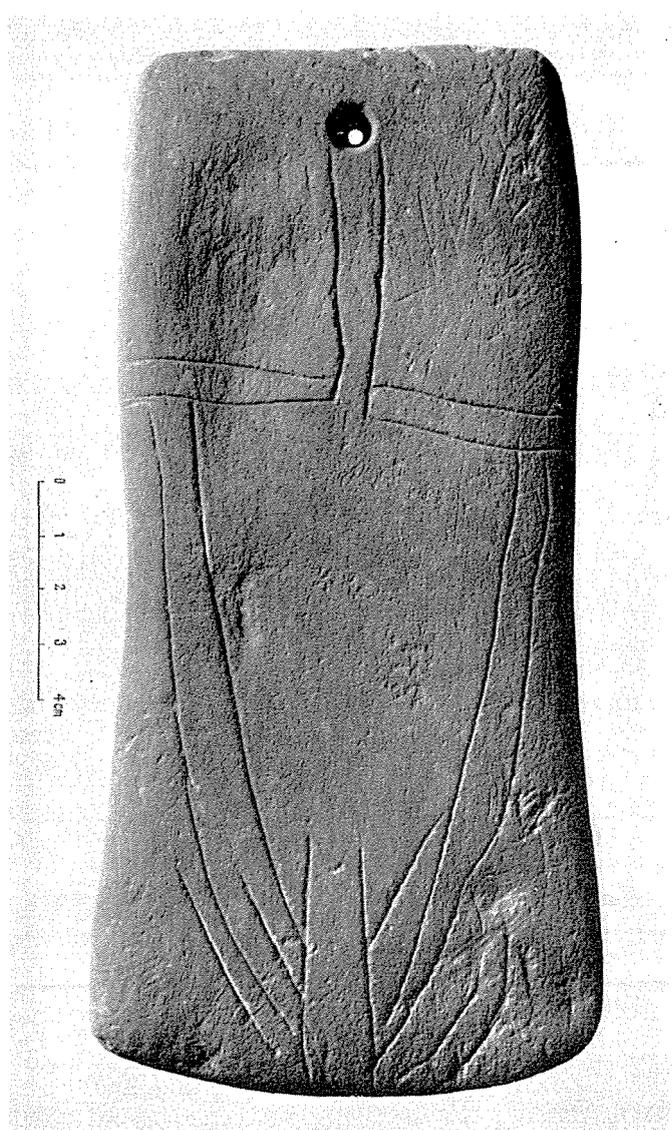


Fig. 23 — Placa-ídolo.

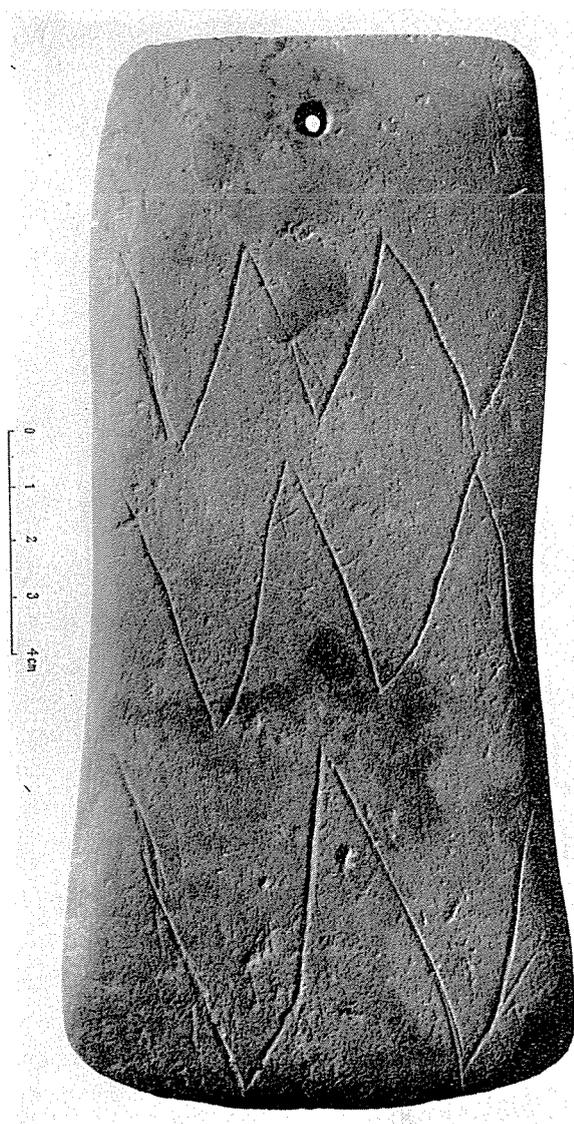


Fig. 24 — A outra face da placa da figura anterior.

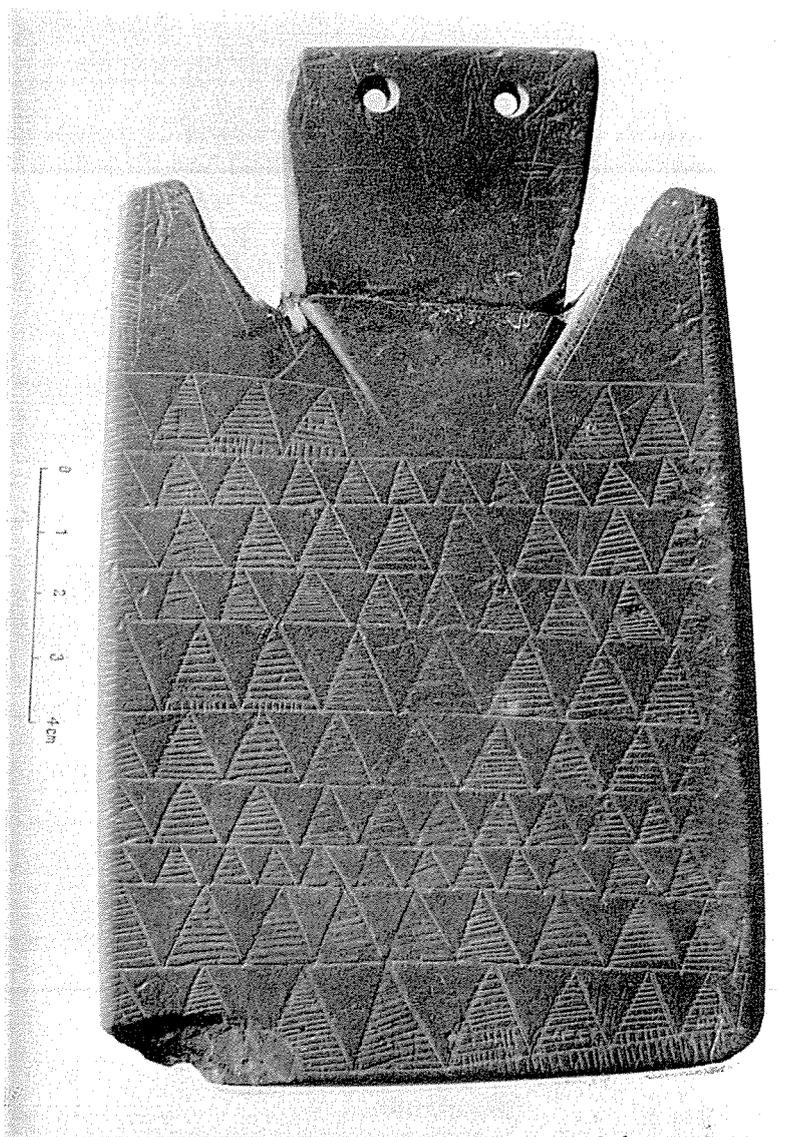


Fig. 25 — Placa-idolo.

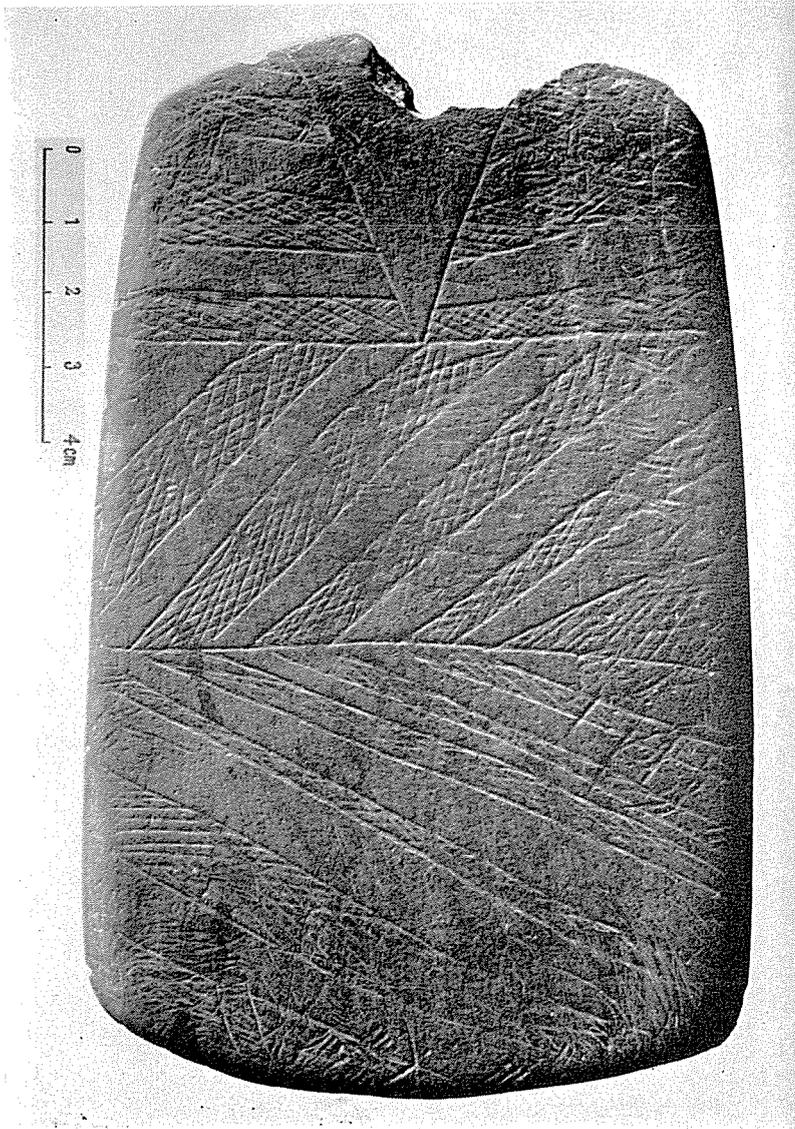


Fig. 26 — Placa-ídolo.

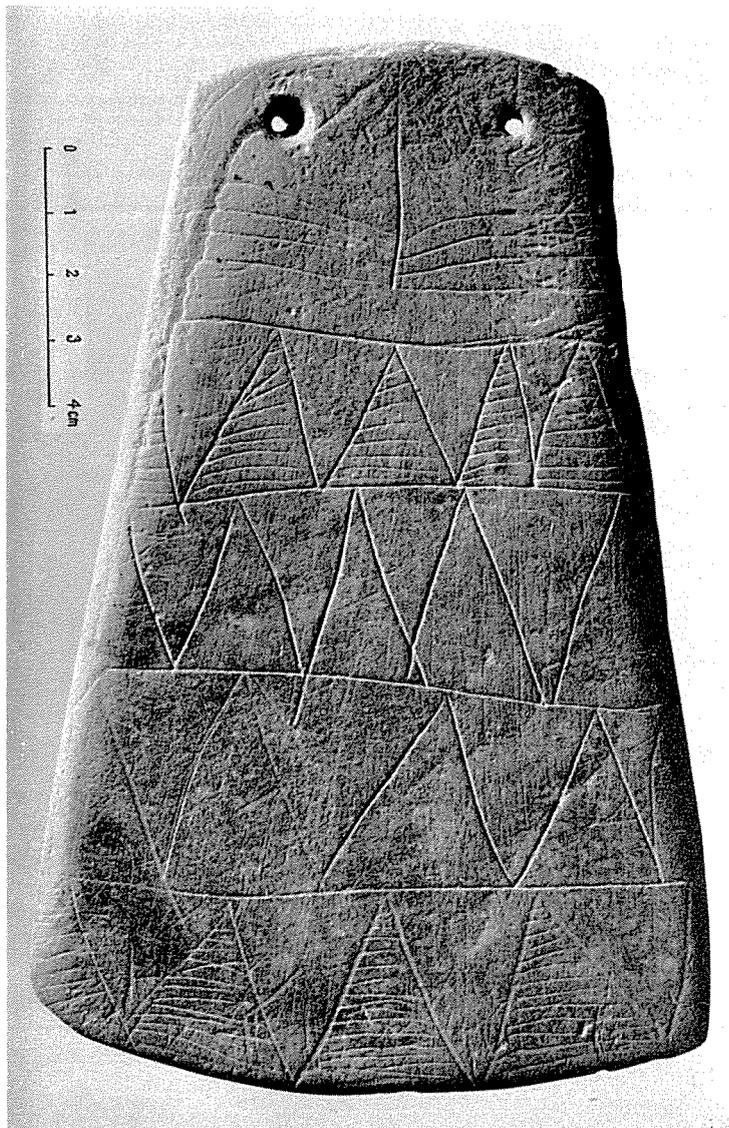


Fig. 27 — Placa-idolo.

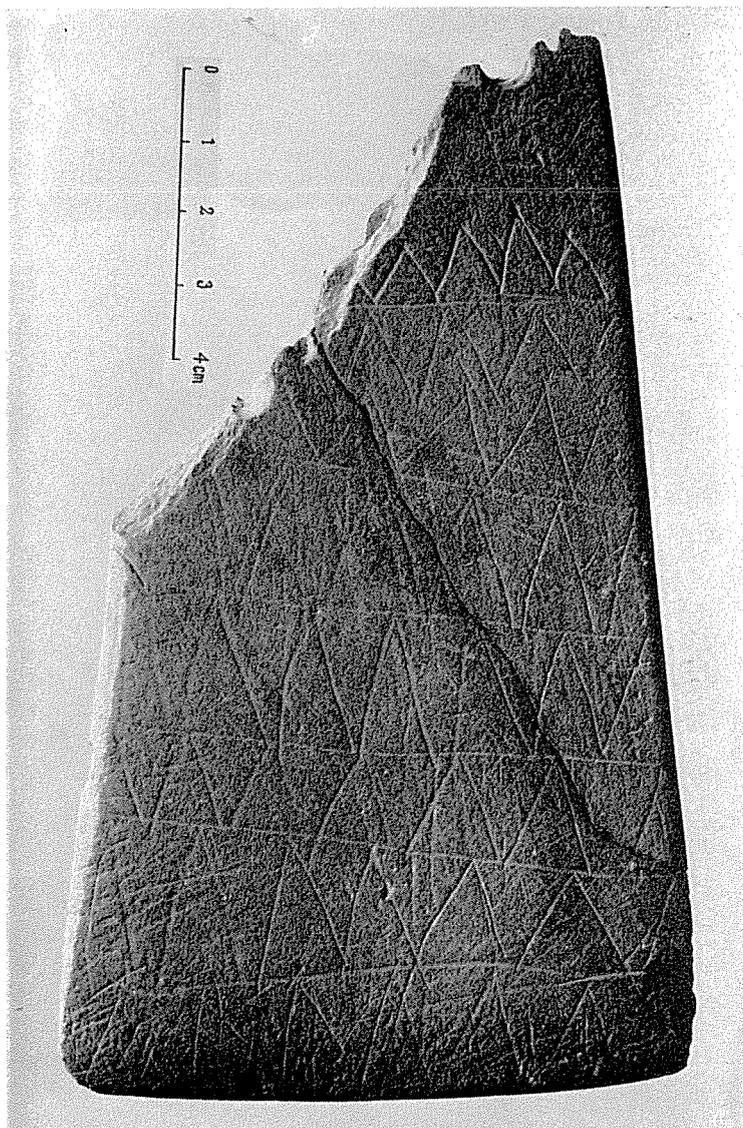


Fig. 28 — Placa-idolo.

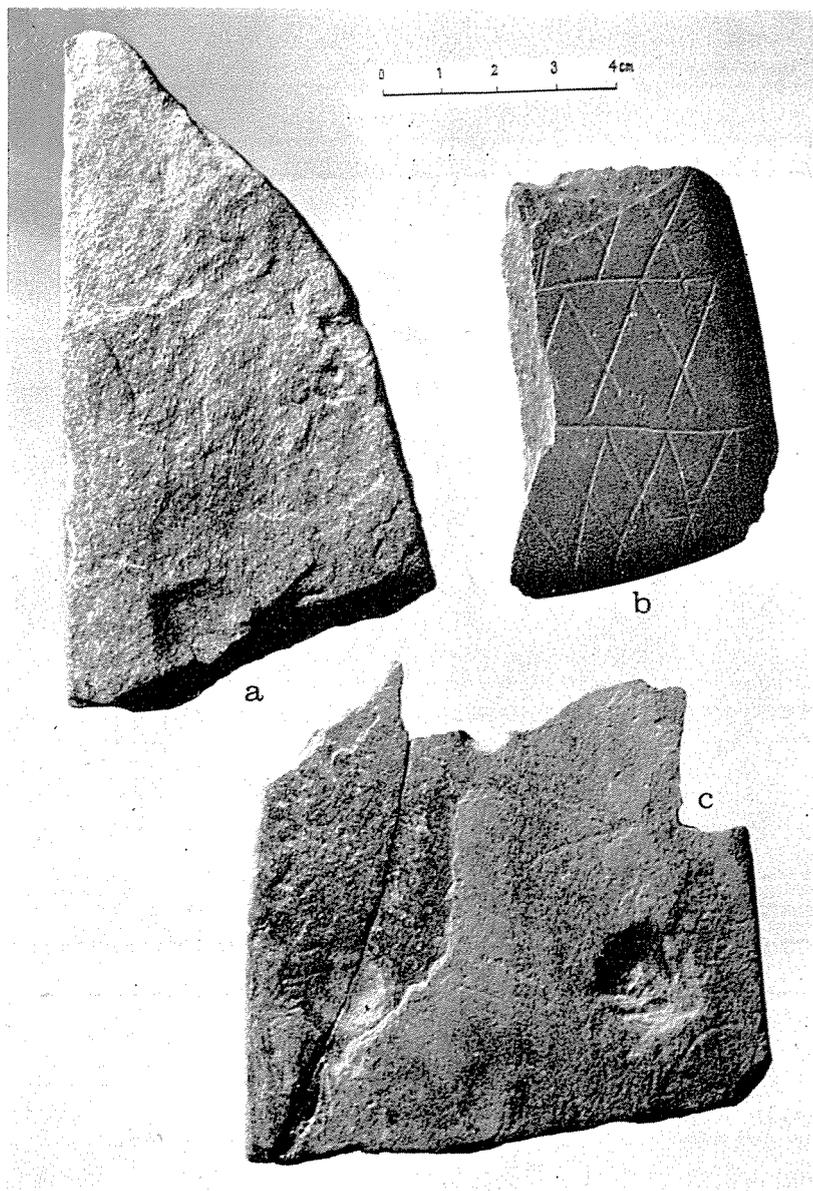


Fig. 29 — Fragmentos de placa-ídolos.

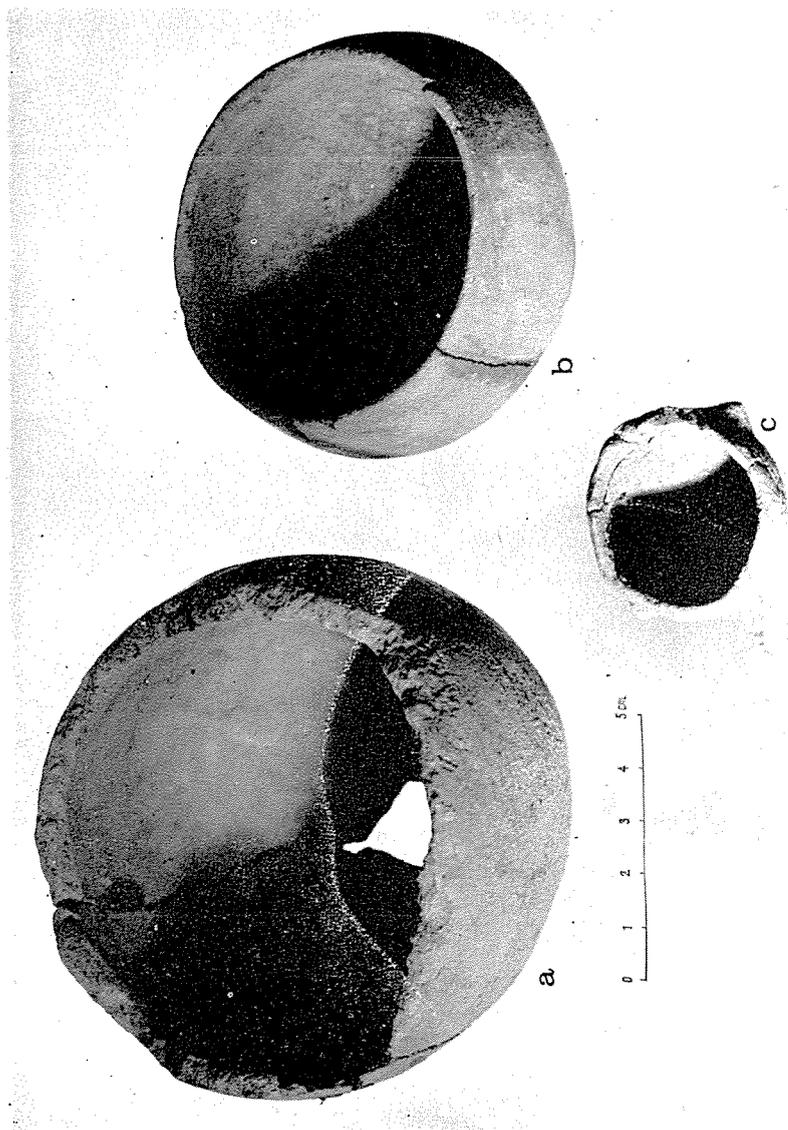


Fig. 30 — Cerâmica.

*As fotografias das figs. 7, 8, 9, 10, 11 e 12 são do Autor.
Todas as outras são do fotógrafo Teófilo Rego, Porto.*

V Á R I A

Estela funerária com inscrição latina do Crato (Alto Alentejo)

Numa breve visita que, no dia 9 de Março de 1970, fiz ao Seminário de Portalegre, deparei com um fragmento de lápide epigrafada, recolhida, havia algum tempo, no museu desse Seminário. Pedi autorização para fazer o seu estudo que agora publico, por me parecer que tem algum interesse para um mais rico conhecimento arqueológico da região onde a lápide foi encontrada e pelo contributo real, embora modesto, que a inscrição traz à causa da epigrafia em Portugal.

Trata-se de um fragmento de estela funerária luso-romana. É de granito e apresenta forma irregular. Mede 36 cm de alto por 23 de largo (medidas máximas), oscilando a sua espessura entre 9 e 11 cm.

A peça foi encontrada numa herdade do Crato, perto da estação do caminho de ferro, e oferecida ao Rev. Dr. Manuel Rodrigues Vermelho para o museu do Seminário.

Em carta de 29 de Março de 1970 escrita de Alemanha, o Rev. Dr. Manuel Rodrigues Vermelho teve a gentileza de informar: — «A lápide... foi oferta dum particular. Encontrou-se numa herdade do Crato, na zona romana situada junto à estação, onde se encontram ainda pavimentos com mosaicos romanos».

A inscrição é funerária. Aberta no fragmento existente, está muito incompleta, em virtude da fragmentação que a lápide sofreu.

Consta, apenas, de três linhas incompletas e ainda de leve vestígio de uma quarta linha. Outras, que provavelmente existiram na continuação, desapareceram.

As letras são irregulares, de altura diversa, de incisão imperfeita, e do tipo paleográfico da *capital de mão livre*, encaminhando-se para o *tipo comum*, denotando um mau lapicida. A sua altura varia entre 33 e 45 cm.

A primeira linha contém o nome do defunto (ou defunta): *Maxsi[mus ou ma]*; parece notar-se parte do I na margem do corte.



Inscrição funerária da estela do Crato.

A segunda linha indica a filiação — *Doquir[i] (ilius ou ilia)* — e encerrava ainda o início da palavra *[ann]/orum*, completada na terceira linha. Esta continha também o número indicativo da idade da pessoa sepultada, que desapareceu. Na quarta linha há vestígios de uma letra que seria I, ou L, ou H, e que pertenceria ao nome de quem mandou levantar a memória funerária, ou, no caso de

ter sido H, podia ser a sigla inicial da fórmula sepulcral H S E = *h(ic) s(itus) e(st)* ou *h(ic) s(ita) e(st)*.

Leitura: *Maxsi[mus]/Doquir[i] f(ilius) ann[...]/orum[...]/...*

Tradução: *Máximo, filho de Doquiro, que morreu com... anos de idade...*

Não sabemos se se trata de pessoa do sexo masculino ou feminino; nesta última hipótese, ler-se-ia: *Maxsima Doquiri filia*, etc. (*Máxima, filha de Doquiro*). Anote-se, também, que o nome do defunto podia estar em dativo, como acontece com alguma frequência na epigrafia funerária (inscrições funerárias de cariz votivo ou de dedicação). Ler-se-ia neste caso: *Maxsimo, Doquiri filio*, etc. (*a Máximo, filho de Doquiro*, etc.) ou no feminino correspondente. Desconhecemos a sequência da inscrição por ter desaparecido.

Maximus é antropónimo muito frequente na epigrafia latina peninsular. XS por X (*Maxsimus* em vez de *Maximus*) aparece, com alguma frequência, nos títulos epigráficos.

Doquírus, que se encontra também com as formas *Docquírus* e *Docquíricus*, é nome de origem celta e aparentado (mesmo étimo) com *Docius* e *Doccius*.

Está registado nas seguintes localidades da Península: Soure — *Doqueira* ⁽¹⁾; Alfeizerão — *Doq* ⁽²⁾; Idanha-a-Velha — *Doquiri* ⁽³⁾, *Doquiri (Cilea Doquiri Cuntiri)* ⁽⁴⁾, *Doquiri* ⁽⁵⁾ e *Docq.* ⁽⁶⁾;

(1) C. I. L., II, 364.

(2) C. I. L., II, 360; «O Archeólogo Português», VII (1902), p. 241.

(3) No *gen.*, D. Fernando de Almeida, *Egitânia — História e Arqueologia*, Lisboa, 1956. n.º 116, p. 215.

(4) Scarlat Lambrino, *Les inscriptions latines inédites du musée Leite de Vasconcelos*, «O Archeólogo Português», nova série, III (Lisboa, 1956), n.º 28, pp. 50-52; D. Fernando de Almeida, *Obra cit.*, n.º 79, p. 191.

(5) No *gen.*, C. L. L., II, 448; D. Fernando de Almeida, *Obra cit.*, n.º 119, pp. 216-217.

(6) *Docq (uir)*, *gen.* D. Fernando de Almeida, *Obra cit.*, n.º 126, p. 221.

Capinha-Norte de Idanha — *Docquiri* (7); Freixo de Numão — *Docquiricus* (8); Trujillo — *Doquiri* (9); Mérida — *Docquiricus* (10).

Docius encontra-se em Bragança (11) e em diversas localidades de Espanha (12). *Doccius* e *Docciacus* são frequentes na Gália e Grã-Bretanha; *Docirix* vê-se em algumas moedas da Gália (13).

Com o conhecimento da presente inscrição, o antropónimo *Doquirus* (*Docquirus*) estende-se agora ao Crato.

Segundo a informação, já referida, do Rev. Dr. Manuel Rodrigues Vermelho, no local onde apareceu a lápide encontram-se outros vestígios da romanização, inclusivamente mosaicos. Sabemos que toda essa região foi muito romanizada. Não muito longe do Crato, em Aramenha do concelho de Marvão, ficava a antiga cidade (com município) da *Ammaia* (14). Aí e no respectivo aro têm aparecido numerosos vestígios do período luso-romano e posterior e diversas inscrições, algumas com muito interesse (15).

A região do Crato é também rica em elementos arqueológicos anteriores à romanização. Só para exemplo: o Dr. Agostinho Farinha Isidoro procedeu, de 1960 a 1965, a sondagens e explora-

(7) Scarlat Lambrino *Art. cit.*, n.º 42, p. 63.

(8) C. I. L., II, 341 (*Catuenus Docquiri[c]i f(i)lius*).

(9) *No gen.*, C. I. L., II, 624.

(10) C. I. L., II, 551.

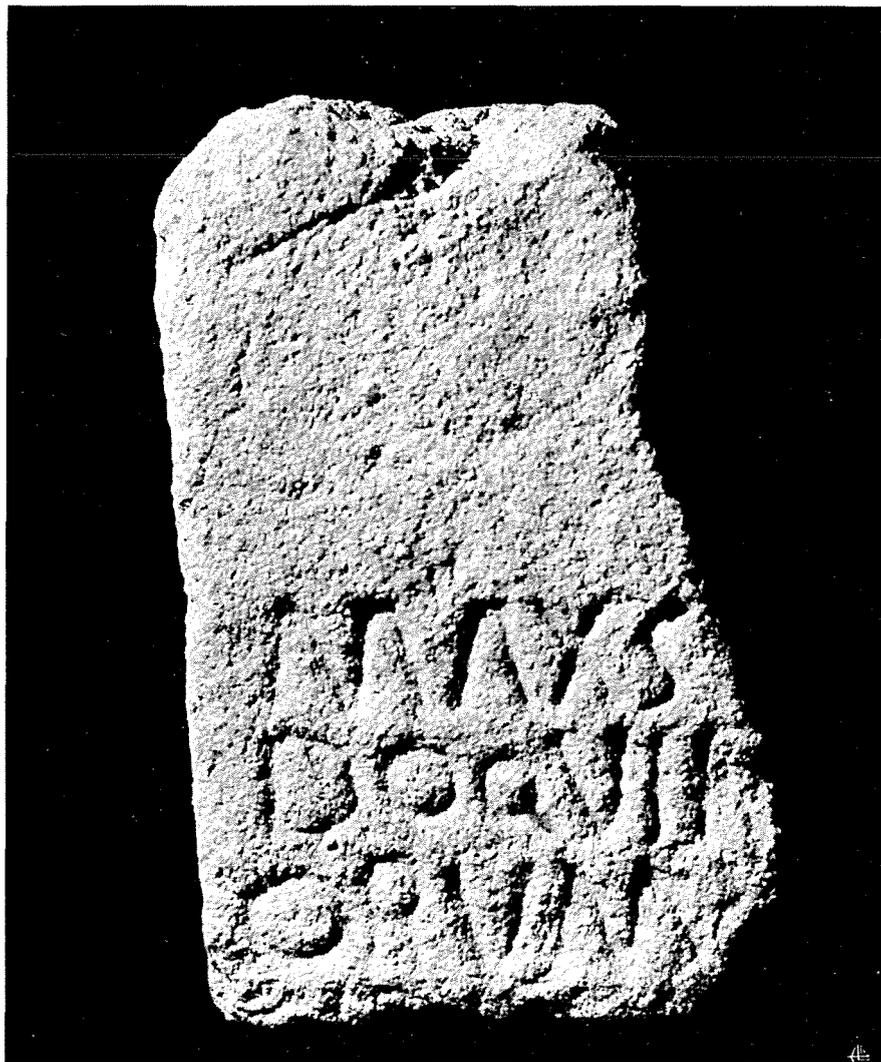
(11) C. I. L., II, 5070.

(12) C. I. L., II, 2633, 628. Ver ainda outras referências em Jürgen Untermann, *Elementos de un Atlas Antroponimico de la Hispania Antigua*, Madrid, 1965, pp. 104-105, e em Manuel Palomar Lapesa, *La Onomástica personal pre-latina de la antigua Lusitania*, Salamanca, 1957, pp. 69-70.

(13) Ver Scarlat Lambrino, *Art. cit.*, pp. 50-52 e nota 162.

(14) José Leite de Vasconcelos, *Localização da cidade de Ammaia*, «Ethnos», I (Lisboa, 1935), pp. 5-9.

(15) José Leite de Vasconcelos, *Art. cit.*, Eugénio Jalhay, *Epigrafia Amaiense — Contribuição para o estudo de Aramenha romana (concelho de Marvão)*, «Brotéria», XLV (Lisboa, 1947), pp. 615-633, com dois extratextos; Afonso do Paço, *Inscrição cristã do Monte Velho (Beirã-Marvão)*, «Brotéria», XLIX (Lisboa, 1949), pp. 40-45; Afonso do Paço e D. Fernando de Almeida, *Dois inscrições romanas inéditas do Museu de Marvão*, «Revista de Guimarães», LXXII (Guimarães, 1962), pp. 145-151. Ver também a bibliografia indicada nestes estudos.



Fragmento da estela funerária do Crato

ções arqueológicas da área do Concelho, centradas nos monumentos dolménicos. Nos estudos publicados dá-nos notícia da existência de 33 antas ⁽¹⁶⁾. E muitas outras riquezas arqueológicas esconde, em seu seio, o Concelho do Crato.

Pelas facilidades dadas e informações prestadas em ordem ao estudo desta inscrição, testemunha-se o melhor agradecimento aos Rev.^{os} Padre Augusto Dias Lopes, do Seminário de Portalegre, e Dr. Manuel Rodrigues Vermelho.

D. DOMINGOS DE PINHO BRANDÃO

Notas sobre o casamento na Aldeia da Mata

Aldeia da Mata é uma das mais importantes freguesias do concelho do Crato, Alto Alentejo.

Fica a oeste, e a 8 km, da vila do Crato, numa altitude de uns 219 m, assente na cumiada dum monte com a orientação norte-sul.

Em sua volta os terrenos são pobres com abundantes afloramentos graníticos.

⁽¹⁶⁾ Agostinho Isidoro, *Esboço arqueológico do Concelho do Crato (Alto Alentejo)*. «Anais da Faculdade de Ciências do Porto», XLIV (Porto, 1962), pp. 206-228; Idem, idem, *Novos elementos*, «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», XIX-1 (Porto, 1963), pp. 71-75, XIX-2 (Porto, 1963), pp. 174-177, XIX-2-3 (Porto, 1964), pp. 353-359; Idem, *Escavações em dólmenes do Concelho do Crato (Alto Alentejo)*, «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», XX-1-2 (Porto, 1966) pp. 29-57 e XX-3-4 (Porto, 1967-1968), pp. 285-297. Ver ainda, Idem, *Escavações em dólmenes do Concelho do Crato (Alto Alentejo)* — III, «Anais da Faculdade de Ciências do Porto», LIV, fasc. 1 e 2; Idem, *Escavações em dólmenes do Concelho do Crato (Alto Alentejo)* — IV, «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», XXII, fasc. 1, onde se insere este nosso trabalho. Os dois últimos artigos, publicados em separata, fazem parte da colecção «Trabalhos do Instituto de Antropologia — Dr. Mendes Corrêa» com os números 6 (Porto, 1970) e 9 (1971). Todos os artigos citados nesta nota são ilustrados, tendo o primeiro e dois últimos numerosos extratextos.

O censo de 1960 dá-lhe uma população de 1172 almas e 411 fogos.

Nestes últimos anos a população tem diminuído muito por causa do êxodo de muitos dos seus habitantes, como tem acontecido em muitas outras terras do nosso país.

Uns, emigram definitivamente, outros, fazem *temporadas* de trabalho na Beira-Baixa e Ribatejo, na época das lenhas, nas vindimas e na apanha da azeitona.

Aldeia da Mata perdeu já muitos dos seus costumes antigos e aspectos da sua vida comunitária, como os *fornos de cozer o pão*, a *adua*, etc., por causa das fáceis comunicações ferroviárias e rodoviárias, com outras povoações e vilas.

No entanto conserva ainda no casamento dos seus filhos muito do ritual do passado.

Nesta aldeia, quando nasce uma filha a um casal, é preocupação da mãe, começar a tratar do enxoval do seu casamento, cujas peças depois de compradas, vão sendo colocadas numa arca.

As peças são as mais variadas, desde roupas da cama, designadas por *fato*, às louças de porcelana e de esmalte, até às de ouro tais como: anéis, fio de ouro, grilhão e cordão.

Muitas destas peças são compradas nas feiras realizadas anualmente em Flor da Rosa, Crato, Chança, Ponte do Sor, Nisa, Portalegre, etc..

Na Aldeia da Mata, com raras excepções, os casamentos são realizados entre os seus habitantes. Mesmo aqueles que na idade do namoro a vida leva para outras regiões, não partem sem deixar ali a sua *conversada*.

Depois do namoro, que é mais ou menos longo, e que durante muito tempo era consentido em dias determinados e sob os olhares da mãe, os pais do rapaz vão a casa dos pais da rapariga e pedem a filha para o filho.

Geralmente os casamentos ali são realizados com o agrado dos pais.

O pregão do casamento é feito na igreja ou no registo civil, três meses antes do dia marcado para a *voda*.

Neste dia o noivo procura os rapazes da sua idade, casados ou solteiros e faz-lhes o convite nestes termos: «Vou-me casar (e diz

o dia). Queres vir ao meu casamento?». A noiva procede de igual modo para com as raparigas da sua idade, mas solteiras, ou de idade inferior à sua, e também solteiras.

Pode também convidar uma rapariga casada da sua idade, mas isto é pouco frequente.

No dia do pregão os pais dos noivos convidam também as suas famílias para o casamento. Qualquer convite feito fora deste dia pode ser considerado como ofensivo pelos convidados.

Uns 15 dias antes do casamento os pais dos noivos mandam aos convidados um presente de bolos caseiros, designado por *frete*, constituído por 1 pão de ló, 1 bolo de orelha ou fatia, 1 dúzia de biscoitos e argolas.

Os convidados são obrigados a fazerem as seguintes ofertas:

Os do noivo oferecem-lhe 50\$00 cada um, importância a ser entregue no dia do enlace à noite, após o *acompanhamento* dos noivos, já em casa deles.

Os da noiva oferecem-lhe uma *prenda*, no valor de 20\$00 a 30\$00 e dão aos pais da noiva a importância de 20\$00, um quilo de arroz, um quilo de massa, um quilo de açúcar e uma quarta de *café de cevada* (250 g).

Os convidados dos pais dos noivos pagam 100\$00 por casal ou 50\$00 cada um.

Os padrinhos dos noivos são obrigados a dar uma *conta de pão* (20 pães de quilo), uma cabeça de gado (ovelha ou cabra), no valor de uns 400\$00 a 500\$00, 10 litros de vinho, um quilo de arroz, um quilo de massa, um quilo de açúcar, um quilo de chouriço vermelho, um pacote de café e um *lacão* (perna de porco).

As madrinhas são também obrigadas a dar uma *conta de pão*, uma dúzia de pratos de louça ou de esmalte, um lençol de linho ou de outro tecido, um quilo de arroz e um quilo de *lacão*.

Antigamente os padrinhos davam ainda uma quarta de grão (cerca de 4 litros) e um *bucho* (estômago de porco cheio de sangue e de gordura de porco com condimentos e depois cozido), que tem um sabor agradabilíssimo.

*

* *

A *voda* ou *função*, designações que ali dão à festa do casamento, tem normalmente a duração de dois dias e um *quartel*: tarde de sábado, todo o domingo e toda a segunda-feira seguinte.

Esta festa é realizada pelos pais dos noivos separadamente uns dos outros, isto é, os pais do noivo realizam-na em sua casa e os da noiva na sua casa também.

O dia da cerimónia religiosa ou civil é geralmente o domingo. No sábado de tarde e no domingo os noivos comem ainda na casa dos pais. Na segunda-feira o pequeno almoço é-lhes levado a casa deles de casa dos pais dele ou dela. As refeições seguintes, nesta primeira semana, são-lhes oferecidas, ora na casa dos pais do noivo, ora na casa dos pais da noiva. Por isso diz-se ali que na semana a seguir ao casamento os *noivos andam ainda a comer da voda*.

Durante os dias da *voda*, as refeições, que são abundantíssimas, são servidas, separadamente nas casas dos pais dos noivos.

Os pais dos noivos chegam a matar uma dúzia de cabeças de gado (ovelhas ou *badanas* e cabras) (fig. 1) e vários galináceos.

Nestas *funções* não falta o arroz de *maranhos* (arroz cozido com pequenas porções de intestino delgado do gado abatido), as sopas de *sarapatel* ⁽¹⁾, o *açogado* ⁽²⁾, o cozido à portuguesa, os bolos, o arroz-doce, o vinho em abundância, etc..

Estas iguarias são cozinhadas em grandes panelas e caçolas de barro, compradas a oleiros de Flor da Rosa, que no dizer do povo, lhes conferem um sabor especial ⁽³⁾.

Chegada a hora da cerimónia nupcial, na tarde de domingo, os noivos, preparados em casa dos seus pais, despedem-se deles pedin-

(1) Sopa de pão feita com sangue e fígado de ovelha cozidos, a que juntam cominhos, etc.

(2) Carne de ovelha ou de cabra, cozida aos bocados, designados depois de cozidos por *presas*, com molho, etc.

(3) Agostinho Isidoro, *O Centro Oleiro da Flor de Rosa (Concelho do Crato — Alto Alentejo)*, in «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», vol. XIX, fasc. 2, Porto, págs. 145 a 168, 5 figs.

do-lhes a bênção e abraçam a família mais chegada. São momentos de choro para todos, por se recear da *sorte* dos nubentes.

Agora o noivo, acompanhado dos seus convidados (fig. 2), deixa a casa paterna e vai a pé buscar a noiva, que se encontra em casa dos pais dela. Aqui forma-se o cortejo nupcial. A noiva vai à frente vestida a rigor, ladeada pelos seus padrinhos e o noivo segue atrás, também ladeado pelos seus padrinhos, todos seguidos pelos convidados (fig. 3). Os espectadores, entre os quais há amigos dos noivos, mas que não foram convidados e muitos curiosos (fig. 6), formam grupos ao longo do trajecto do cortejo nupcial.

Terminada a cerimónia, os noivos, ao lado um do outro e com o *acompanhamento* atrás, regressam a casa dos pais da noiva (fig. 4), onde esta ficará até à noite, à espera que o noivo e os convidados a vão buscar.

Aqui a madrinha da noiva, colocada na janela da casa ou na soleira da porta, atira aos convidados e a pessoas estranhas ao casamento, que sempre se juntam nessa ocasião na rua em frente à casa, amêndoas, rebuçados, nozes e amendoins (*ervelhanas*). Isto dá origem a grande rebuliço e até a gritaria, pois todos querem apanhar à uma o que a madrinha lhes atira. É altura para encontrões, quedas e às vezes atritos pessoais.

A seguir é servido um copioso *copo de água* a todos os convidados, constituído especialmente por muita variedade de bolos e diversas bebidas, após o qual o noivo com os seus padrinhos e todos os convidados se dirige para casa dos seus pais (fig. 5), onde a sua madrinha atira também amêndoas, rebuçados, etc.

Aqui é servido outro *copo de água* a todos os convidados, semelhante ao anterior.

O resto da tarde de domingo é destinada a divertimentos. Uns dão voltas às ruas em grupos, outros, os mais jovens, realizam *balhos*, que se prolongam pela noite adiante.

À noite, pelas 23 horas, o noivo e os seus convidados vão em cortejo buscar a noiva a casa dos pais. A seguir todos os convidados acompanham os noivos a casa deles.

De madrugada, alguns convidados, especialmente os mais jovens, colocados em frente à casa dos noivos, fazem o *descante*,



Fig. 1 — O pai da noiva leva às costas uma das várias ovelhas para matar para o casamento.



Fig. 2 — O noivo à frente dos seus convidados vai buscar a noiva a casa dos pais dela.



Fig. 3 — Cortejo nupcial com a noiva à frente e o noivo atrás.



Fig. 4 — Os noivos após a cerimónia nupcial regressam a casa dos pais da noiva, seguidos do *acompanhamento*.

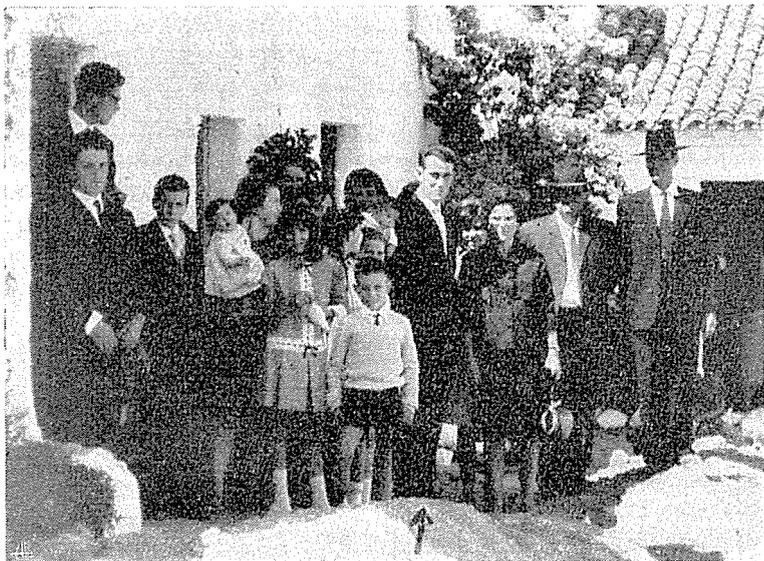


Fig. 5 — O noivo ao centro com um grupo de convidados ao chegar a casa dos pais para o *copo de água*.



Fig. 6 — Um grupo de espectadores assiste à passagem do cortejo nupcial.

que consiste no cântico plangente de várias quadras alusivas aos noivos, após o qual lhes servem bolos e bebidas.

A nós disseram-nos as seguintes:

*O noivo mais a noiva,
São dois raminhos de enleio!
A mulher que aí tens,
É um vaso do asseio.*

*O noivo mais a noiva,
São dois ramos de salsa cruál
Debaixo da vossa cama,
Põe-s'ó sol e nasce a lua.*

*O noivo mais a noiva,
São raminhos da Primavera!
Levanta-te e abre a porta,
Qu'estou à tua espera.*

*O noivo mais a noiva,
São dois raminhos floridos!
Pelo vinho e pelos bolos,
Ficamos agradecidos.*

*O noivo mais a noiva,
Na vossa cama deitados,
Pelos bolos e pelo vinho,
Ficamos obrigados.*

Desde menino que, na Aldeia da Mata, minha terra natal, tenho assistido e participado em muitos casamentos.

Pode afirmar-se que estes se têm mantido segundo as normas descritas nesta nota.

Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Corrêa»
Maio de 1971

AGOSTINHO F. ISIDORO

Duas nótulas etnográficas

Um dos grandes feitos ou proezas de que um rapaz de escola pode gabar-se é anunciar aos seus parceiros de aula ter descoberto um ninho de passarinho. Onde? onde? — inquirirão logo os camaradas. Isso é que eu não digo, retorquirá, importante, o gabarola. — Ai, não queres dizer? — Pois então vais ver o que te acontece, como eu descubro já o lugar onde o achaste, para lá mandar o *formigueiro*, que te há-de dar cabo dos ovos ou chupar os passarinhos, rematava, por sua vez, o chefe do grupo — que nas escolas há sempre um comandante a dirigir a malta. E, acto contínuo, lança na palma duma das mãos uma forte cuspidela e, sobre esta, dá, com a outra mão em riste, uma cutilada, esparrinhando a saliva e, para a banda onde caia maior porção, ele apontará a direcção e rematará: — é para ali! — E, agora, vais ver o que te vai acontecer, recitando imediatamente:

Formigueirinho vai àquele ninho!
Se tiver ovos, chupa-os,
Se tiver passarinhos, mata-os!

Mas logo o dono do ninho o há-de contrariar por sua vez:

Formigueirinho não vás àquele ninho,
Que está lá Sto. Antoninho
Com uma bengalinha de prata,
Que te mata!

E por aqui ficou a ocorrência, sem complicações ou consequências.

*

* * *

A galinha tinha acabado de chocar os ovos, nasceram os pintainhos e a canseirosa dona da ninhada logo pôs à disposição desta, em um prato, umas migas de miolo de broa molhadas de

vinho tinto — que os pintos, como os aldeões, não vão lá muito com o branco! — donde a criação, a princípio, mal debicava, não obstante o chamamento e ensino da mãe, que mostrava como se fazia.

Ninhada e prato com as sopas eram, depois, e durante uns breves dias, postos no chão térreo mas resguardados da loja onde estive o ninheiro para, uma vez adquiridas as forças, passarem para o exterior, debaixo da ramada, no gozo, sob a vigilância da cautelosa mãe, da liberdade e de pitadas de sol.

Já os pintos estavam cresciditos quando a dona se apercebeu que pelo ar passava um ou outro minhoto (1) suspeito, que não andaria ali por bom, no perigo de pilhar os pintainhos, que mais tarde haviam de contribuir para o governo da casa e, talvez até, para o farnel da romaria, ainda longínqua.

E então, temerosa e prudente, aquela mulher avisou os homens da casa para que obviassem ao que era preciso para escorraçar dali o ladrão do *minhoto*. — Os homens logo trataram do caso. Foram ao monte buscar uma delgada e comprida vara de eucalipto, que estonaram, e colocada, na ponta desta, uma garrafa enfiada pelo gargalo, ergueram-na a prumo, segurando-a num dos pilares da ramada, debaixo da qual tinha aquela ninhada o seu habitual logradouro. E pronto! — A máquina, o aparelho de defesa, estava montado e protegida a criação. Aquilo, dizia, depois, a orgulhosa dona da ninhada, era remédio santo para correr d'ali com aquela maleita do *minhoto* e defender toda a criação, o que, não obstante, não impedia que faltasse um ou outro franganito, que bem podia ser obra da doninha ou outro bicho da mesma igualha, para o qual não havia remédio.

Recolhidas em Arouca por

ALBANO FERREIRA

(1) Milhafre.

Escavações no Castro de Carvalhelhos (Campanha de 1970)

Sem outros subsídios a não serem os da Empresa das Águas de Carvalhelhos, que, não só continuou, como nos anos anteriores, a ceder por empréstimo ferramentas, tais como pás, picaretas, carrinhos de mão e ciranda, mas também, e generosamente, pagou ao pessoal jornaleiro nos dez ou doze dias que ali se trabalhou durante o mês de Agosto, fiz mais uma campanha de escavações no Castro de Carvalhelhos.

No prosseguimento da valorização daquele pequenino Castro, que fica sobranceiro à estância daquelas justamente afamadas águas, procedeu-se a trabalhos de limpeza no recinto cimeiro muralhado e na vertente leste, onde o tempo, que virou de chuva, não permitiu que se procedesse à escavação da terra que enche a grande casa rectangular, ali descoberta e isolada em escavação anterior.

Ao proceder à limpeza do monte, que todos os anos cresce viçoso, descobriu-se um grupo de pedras fincadas na cumieira que separava o extremo norte de dois fossos, que, na vertente a pender para o ribeiro, correm paralelos ao alinhamento da muralha do lado noroeste.

Este achado veio reforçar a convicção de que, além da faixa de 8 a 10 metros de largura bordejando o fosso exterior, as cristas das cumieiras de separação dos vários fossos, deviam apresentar, em toda a sua extensão, um ouriçado de pedras fincadas.

Deu-se começo à escavação dum pequeno troço do terceiro fosso.

Pela natureza do material com que o fosso foi atulhado confirma-se a opinião, já colhida na escavação do primeiro fosso que corre junto à muralha, de que as excelentes condições de defesa daquele castrinho foram acintosamente neutralizadas, certamente por determinação dos romanos vencedores.

Ao terminar esta pequenina nota não posso deixar de lamentar que o Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Corrêa», tendo verba



Fig. 1 — Após os serviços de limpeza realçam três casas, duas circulares e uma rectangular de cantos arredondados. No segundo plano, à esquerda, vê-se a porta de entrada no recinto muralhado.



Fig. 2 — Casa circular junto de duas rampas de acesso às muralhas.



Fig. 3 — Casa rectangular de cantos arredondados. À esquerda vê-se uma das rampas de acesso à muralha que corre sobranceira à vertente do ribeiro.



Fig. 4 — Restos do ouriçado de pedras fincadas na cumieira de separação dos segundo e terceiro fossos.

para escavações, não tenha podido atribuir-me um subsídio para os trabalhos que ali realizei, baseado no facto de, oficialmente, eu estar em comissão de serviço na Universidade de Luanda.

À Empresa das Águas de Carvalhos testemunho, mais uma vez, o meu agradecimento pelos auxílios que gentilmente tem continuado a conceder para os trabalhos de conservação e valorização daquele pequenino castro, mas cheio de interesse arqueológico.

SANTOS JÚNIOR

Uma dança milenária

À distinta etnógrafa espanhola Elena Arizmendi, que ao estudo das danças populares se tem dedicado com paixão e apurada intuição artística, o seu admirador e confrade

O. D. C.

As pinturas rupestres do Caninguíri constituem um notável documento arqueológico angolano. Estudadas por nós e pelo nosso Assistente e colaborador Lic. Carlos M. N. Ervedosa, estão a ser publicadas no 2.º fascículo de «Ciências Biológicas», revista da Faculdade de Ciências da Universidade de Luanda.

Caninguíri é o nome duma aldeia indígena que fica a 43 quilómetros a sudeste do concelho do Mungo, que, por sua vez, fica a uns 150 km a norte da cidade de Nova Lisboa, capital de distrito da província portuguesa de Angola no ocidente africano.

Próximo da aldeia do Caninguíri há um cabeço com um amontoado de grandes penedos, um dos quais tem uma grande pala ou abrigo, com uns vinte e dois metros de comprimento por oito a dez metros de largura. O abrigo é conhecido pelo nome de *éuè uâ uaiólua*, ou seja «pedra com pinturas».

Na parede fundeira do mesmo, numa extensão de cerca de dezanove a vinte metros e numa largura que varia entre pouco

mais de dois metros, nos pontos mais estreitos, a um pouco mais de três metros na zona mais larga, há grande número de sinais pintados, os mais deles em branco. Há-os também em vermelho de várias tonalidades e alguns, poucos, em amarelo oca.

Há representações de animais, todas de répteis. Vários lagartos, alguns cágados ou tartarugas e uma cobra. Predominam as figuras geométricas, algumas grandes e ventradas com cerca de um metro de comprimento; há mesmo uma com dois metros. São muitas as manchas elípticas e ovulares, como dedadas, seguramente mais de duas mil.

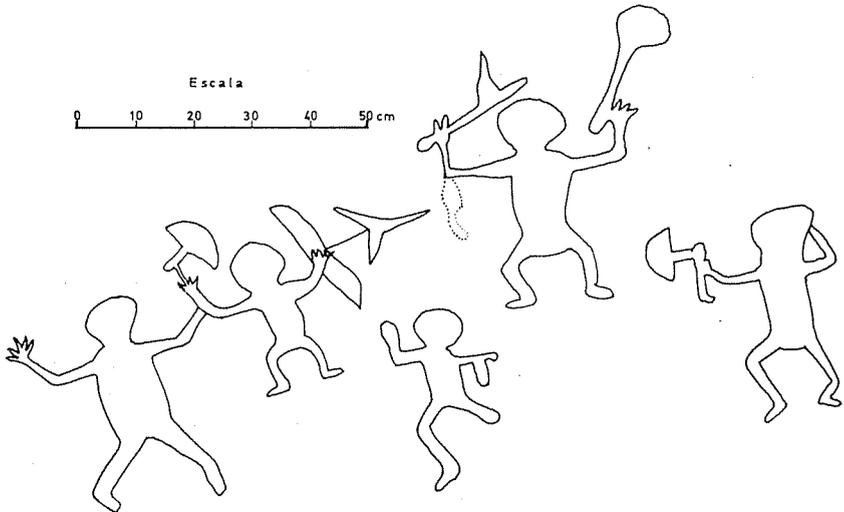


Fig. 1 — Grupo de dançantes do abrigo com pinturas do Caniquiri, Mungo, Nova Lisboa — Angola.

Há representações de figuras humanas repartidas por três ou quatro estilos. Tanto o estilo realista, em que se podem considerar dois tipos, como os estilos semiesquemático e esquemático ou estilizado, estão representados por pequeno número de pinturas. Predominam os sinais geométricos.

Ocupar-nos-emos neste trabalho dum conjunto de cinco figuras humanas que reproduzimos no desenho da fig. 1 e nas fotografias das figs. 2, 3, 4 e 5.



Fig. 2 — Conjunto dos cinco dançantes alguns dos quais empunham armas, moca, arco e flecha e machados



Fig. 3 — Pormenor da fig. 2



Fig. 4 — Três homens do grupo dos cinco dançantes. Um deles segura numa das mãos arco e flecha e na outra um machado de ferro em meia-lua

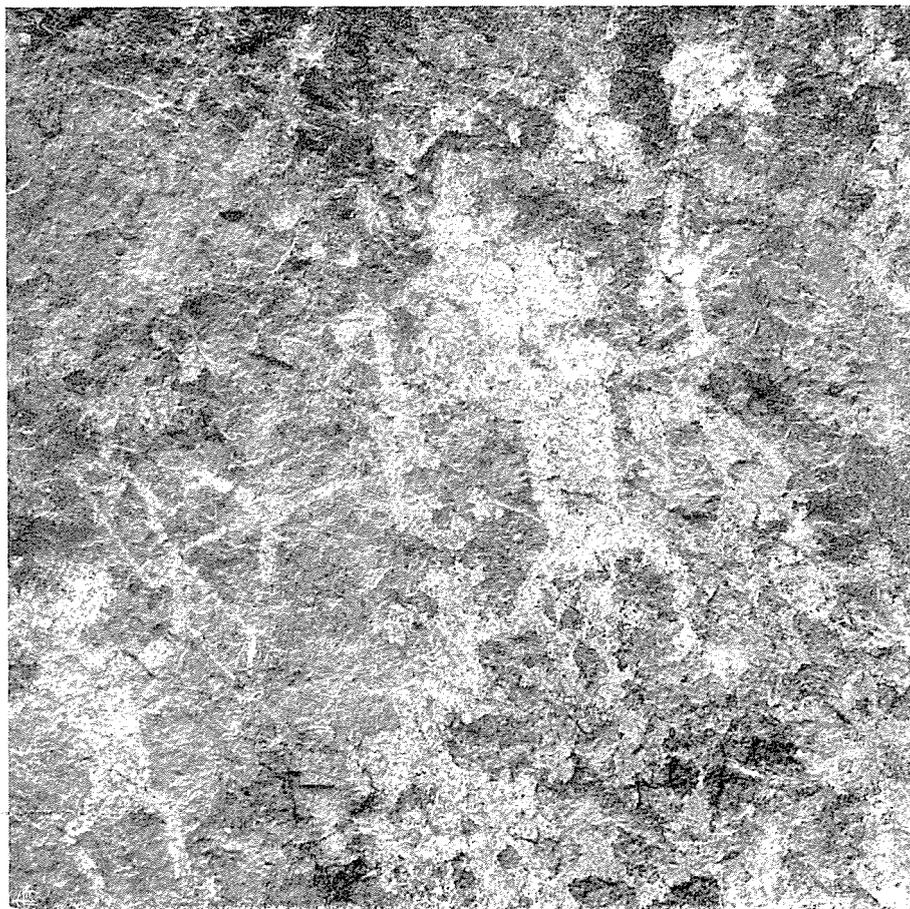


Fig. 5 — Pormenor da fig. 2 com o dançante cimeiro do grupo e; pela sua direita, o companheiro armado de arco e flecha. Esta fotografia mostra bem a superfície irregular da pedra com algumas manchas brancas de contornos rendados devidos a descamação de lascas

São figuras monocromáticas todas pintadas, em cheio, de branco bastante desbotado, e de tom ligeiramente amarelado. A pedra tem naquele ponto cor castanho amarelada, pelo que as figuras pouco sobressaem. Tanto assim que só ao fim de alguns dias, em que trabalhamos no abrigo, é que demos conta daquele grupo de figuras humanas.

O conjunto daqueles cinco homens tem um metro e quarenta centímetros de comprimento, fica sensivelmente a meio da parede do abrigo e a cerca de dois metros do chão.

A figura cimeira, uma das maiores, tem trinta e cinco centímetros de altura. Os braços estendem-se na horizontal à altura dos ombros com os antebraços flectidos e postos ao alto. Na mão esquerda, que mostra três dedos livres, segura uma grande moca, e na mão direita, com dois dedos livres, empunha um objecto terminado em forquilha. As pernas estão flectidas e com os pés virados para fora.

À direita desta figura cimeira há dois homens: um pequeno, de corpo com vinte e seis ou vinte e sete centímetros de altura, segura na mão esquerda um arco e flecha de grande ferro triangular, e na mão direita um machado de ferro em meia lua, com espigão encabado em cabo curto. Os braços e pernas desta figura estão em posição similar às dos braços e pernas da figura anterior. Nas mãos tem desenhados alguns dedos livres.

O outro homem, com a altura de quase quarenta centímetros, tem os braços na mesma posição das figuras anteriores; a mão direita está livre e nela bem desenhados os cinco dedos. Com a mão esquerda segura, bem firme, o meio do antebraço da figura anterior. Diz-se segura bem firme, por, na pintura, não se notar o menor vestígio de dedos desta mão. Por isso, pode considerar-se ter bem agarrado o antebraço da figura ao lado, que segura o machado.

Faltam-lhe os pés, que, a ajuizar pela flexão das pernas, deviam estar virados para fora como nas outras figuras.

A quarta figura, a meio do conjunto e em baixo, está muito deteriorada pelo lascado da pedra. Tem trinta centímetros de altura. Do braço esquerdo só resta o segmento proximal, do qual

parece prender um saco. O braço direito, flectido em ângulo recto e posto ao alto, termina pela mão fechada em punho, pois não é patente o menor sinal de dedos. Do membro inferior esquerdo só resta o segmento proximal ou coxa. O que falta, destruído pelas lascas saltadas, devia ter posição simétrica da perna direita e, portanto, estar como ela em flexão e com o pé para fora.

A quinta figura, a da extrema da direita de quem olha o conjunto, tem trinta e seis centímetros de altura, segura na mão direita um machado de ferro em meia lua, de espigão longo e de cabo curto, semelhante ao anteriormente referido. O braço esquerdo em acentuado grau de flexão, a que se não distingue a mão; ou a levou atrás da cabeça ou a encostou ao lado da mesma junto da orelha, na atitude própria de quem quer apurar a audição.

Como interpretar este notável conjunto de figuras humanas, todas de grandes cabeças?

Dado o facto de três dessas figuras estarem armadas, e duas delas até duplamente armadas, poderia supor-se que se tratava duma cena guerreira, tanto mais que o homem do extremo, à esquerda de quem olha a pintura, agarra bem firme o braço do pequeno homem que lhe fica ao lado, numa atitude que, à primeira vista, poderia interpretar-se como o intento de o desarmar.

Atente-se porém no facto de ambas as figuras duplamente armadas mostrarem nas mãos que seguram as armas alguns dedos livres, dois ou mesmo três.

Esta é a posição da mão de quem mostra delicadamente qualquer coisa, segura entre o polegar e o indicador, ficando três dedos livres, ou entre o polegar e os dois dedos vizinhos, deixando, neste caso, livres apenas o anular e o mínimo.

Depois a posição dos braços de todas as figuras flectidas em ângulo recto, com as mãos postas ao alto, e todas com as pernas em flexão, levaram-nos à convicção de que tal atitude é claramente a de dançantes.

Por isso julgamos que aquele conjunto poderá interpretar-se como uma dança realizada em culto e homenagem ao deus da guerra.

Dança ritual em que se imploraria a boa sorte nas lutas com as outras raças ou outras tribos inimigas.

Qual a data deste conjunto coreográfico?

Pelo estilo realista, pelo desbotado ou queimado da tinta, pode atribuir-se-lhe remota antiguidade.

A posição mediana ou central na parede do abrigo pode ser um elemento a evocar no sentido da grande ancianidade daquele grupo de dançantes, talvez o primeiro ou dos primeiros a ser pintado no magnífico conjunto do Caninguíri.

Ê-se tentado a atribuir àqueles cinco homens o mais antigo estádio cultural das pinturas do abrigo, onde, pelos estilos e pelas sobreposições, se podem considerar pelo menos 4 ou 5 níveis culturais.

Como nas escavações feitas no chão do abrigo se encontraram fragmentos de ossos, instrumentos paleolíticos de tipo microlítico (*later stoneage*) e bastantes carvões em vários níveis ou estratos, que, numa das escavações, foi a dois metros e vinte de profundidade, isso prova que o abrigo deve ter sido teatro de remotas práticas rituais.

Os carvões cuidadosamente recolhidos em sacos de celofane foram enviados a Pretória à «Natural Isotopes Division» do «National Physical Research Laboratory of the South African Council for Scientific and Industrial Research», África do Sul, para determinação do carbono 14.

Os resultados foram-nos comunicados em carta do seu ilustre director C. Vogel nos seguintes termos:

- «Pta-238: Mungo 3 — 7840 \pm 80: 5890 B. C. — D C¹³ — 25,4 %
charcoal from 85 to 100 cm depth.
Pta-239: Mungo 5 — 9670 \pm 90: 7720 B. C.
charcoal from 160 to 196 cm depth.
Pta-240: Mungo 6 — 10410 \pm 90: 8460 B. C. — D C¹³ — 25,3%
charcoal from 196 to 200 cm depth.»

Verifica-se que a camada de 85 a 100 cm de profundidade foi datada pelo C¹⁴ em 7840 anos mais ou menos 80, ou seja de 5890 anos antes de Cristo. A camada de 1,60 m a 1,96 m de pro-

fundidade foi datada em 9670 anos, com um erro de mais ou menos 90, ou seja 7720 anos antes de Cristo. A camada profunda de 1,96 m a 2,20 m foi datada em 10 410 anos, mais ou menos 90, ou seja 8460 antes de Cristo.

Quer dizer: o abrigo do Caninguíri com as suas pinturas rupestres deve ter sido teatro de práticas rituais que se desenrolaram de há cerca de 10 500 anos até data relativamente recente, como provam os muitos desenhos feitos a carvão com palavras de claro sentido religioso e com datas, que abrangem pelo menos o período dos últimos 50 anos. Alguns destes desenhos a traço negro estão sobrepostos às velhas pinturas rupestres.

Vimos que ao grupo dos cinco homens dançantes, se poderá atribuir, no conjunto das pinturas, uma remota antiguidade; é lícito admitir que há alguns milhares de anos, sete mil, oito mil, nove mil, ou mesmo dez mil anos, ali se teriam realizado danças rituais com finalidade mítica em culto e homenagem ao deus da guerra.

Os homens, com seus maneios coreográficos, ora brandamente executados em ritmo suave, em humilde atitude peticionária, ora em saltos inérgicos e vibrantes, a exteriorizaram força e audácia no manejo das armas, pôr-se-iam em contacto mítico com a entidade sobrenatural a que atribuíam o poder mágico de os proteger nas batalhas.

Desse modo partiriam para a guerra alegres e serenos, confiados na sua boa estrela.

Julgamos que este precioso conjunto dos cinco dançantes do abrigo do Caninguíri (Angola), bem antigo e belo conjunto coreográfico, notável pelo seu dinamismo e provável sentido propiciatório, pode ser considerado digno de figurar a par de outras brilhantes manifestações da arte rupestre do mesmo tipo do leste peninsular e da região franco-cantábrica.

Secção de Zool. e Antropologia
da F. C. da Univ. de Luanda
Maio de 1971.

J. R. DOS SANTOS JÚNIOR

Prof. Cat. da Univ. do Porto em
comissão de serviço na Universidade
de Luanda-Angola



Lutuosa

Conde de Aurora

O nosso consócio Dr. José António Maria Francisco Xavier de Sá Pereira Coutinho, 3.º Conde de Aurora, faleceu no dia 3 de Maio de 1969, com 74 anos, como Juiz aposentado do Tribunal do Trabalho do Porto.

Licenciado em direito pela Universidade de Coimbra cedo se afirmou escritor de mérito.

Como romancista publicou vários livros que lhe deram um lugar de certo realce na literatura portuguesa.

Era um aristocrata cioso da sua fidalguia, que sempre dignificou, mas foi essencialmente um escritor do povo ou seja, um etnógrafo.

Foi nessa qualidade que, em Outubro de 1935, entrou para a Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, à qual prestou dedicada colaboração. Foi vogal do Conselho Director da Sociedade.

Como assíduo frequentador das sessões científicas da Sociedade eram sempre oportunas e brilhantes as considerações que desenvolvia nos colóquios que, normalmente, se seguem às comunicações ou conferências que ali se realizam.

Trouxe à nossa Sociedade várias comunicações e conferências em que sempre deu provas de observador atento dos usos e costumes do nosso povo, e crítico sagaz na apreciação dos mesmos.

Era um literato, um queiroziano. Foi um conferencista brilhante de linguagem simples, correntia, mas castiça. Com uma leveza que lhe era peculiar, nas suas comunicações surgiam a cada passo notas de ironia risonha e de mordacidade trocista, o que concorria para que sempre fosse ouvido com geral agrado.

À nossa Sociedade apresentou os seguintes trabalhos: *A feira de Ponte* (de Lima), em sessão científica de 16 de Maio de 1963; *Malhadas de Centeio no Entre Douro e Minho*, idem, 21 de Novem-

bro de 1963; *A inacreditável festa de S. Sebastião no Couto Dornelas* (Barroso), idem em 15 de Fevereiro de 1966.

Na nossa revista publicou *Etnografia açoriana — Nótulas de viagem*, «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», vol. XIX, pág. 87 a 89, 2 figs., Porto, 1963.



CONDE DE AURORA

(Fotografia enviada pela família).

Em Janeiro de 1966 tive-o como companheiro numa viagem de estudo à festa do S. Sebastião, que, em 20 de Janeiro, se faz, todos os anos, no Couto Dornelas, em plena serra de Barroso.

Foram muito gratos aqueles dias de convívio espiritual em que tive ensejo de apreciar directamente as suas qualidades de interessadíssimo investigador no campo de etnografia.

SANTOS JÚNIOR

Maxime-Carlos-Maria-Antônio Vaultier (1898-1969)

Em 24 de Setembro de 1969 faleceu em Lisboa, na sua residência do largo Duque de Saldanha, Maxime Vaultier, prestigiosa figura da vida lisboeta, cuja personalidade tinha projecção mundial. Graças à sua vida profissional, mundana, desportiva e mesmo científica, tinha contactos com todos, dentro e fora do país.

Filho de Henri Vaultier e de Helena Larfeuil, Maxime Vaultier nasceu em 15 de Outubro de 1898, no Dafundo. Era casado com Christiane Magnez Vaultier. Estudou em Paris, onde tirou o curso do liceu Jeanson de Sailly e, mais tarde o da «École des Hautes Études Commerciales».

Durante a guerra de 1914-18, alistou-se no exército francês como voluntário e foi condecorado por bom comportamento.

Em 1922 entrou para a casa H. Vaultier como chefe de secção e, depois da morte do pai, tornou-se sócio gerente daquela empresa que conseguiu desenvolver, tornando-a numa das mais importantes do país.

De espírito aberto e curioso, sempre alegre e bem humorado, Maxime Vaultier irradiava simpatia, tendo conseguido, desde novo, reunir à sua volta um grupo de amigos e admiradores com os quais saía e se divertia; dedicava-se a vários desportos entre os quais ténis, golfe, natação e vela.

Quantas aventuras! Quantas anedotas! Quantas histórias alegres, contadas por ele, deram a volta a Lisboa e ao país inteiro!

Todos os que o conheceram, industriais, diplomatas, homens políticos, homens de negócios, cientistas ou arqueólogos, que foram seus amigos ou colaboradores, reconhecem unânimemente a sua inteligência, seu dinamismo, as suas qualidades de chefe de uma grande empresa, a sua ânsia de saber e conhecer tudo e todos.

Conheci Maxime Vaultier em 1937, numa época em que ele se interessava já pelas letras e pelas ciências, lendo bastante e procurando conhecer todas as personalidades de relevo que passavam por Lisboa.

Tendo ouvido falar dos meus estudos de geologia e de pré-história, convidou-me, um dia, a almoçar em sua casa, na praia

do Estoril. A partir de então, tornamo-nos amigos e raros foram os domingos em que não passava o dia em sua casa ou no seu iate, ancorado na baía de Cascais.

De vez em quando tínhamos reuniões no campo com arqueólogos conhecidos, como o Prof. Joaquim Fontes, padre Eugénio Jalhay e coronel Afonso do Paço. Mas foi a guerra de 1939-45 que teve um papel decisivo na inclinação de Maxime Vaultier para a Pré-história.

Em 1941, o padre Henri Breuil, pré-historiador de renome mundial, veio a Portugal a convite do Instituto Francês de Lisboa para realizar algumas conferências de Pré-história.

Naquele tempo a França tinha sofrido uma derrota militar. O invasor ocupava parte do território nacional e a sua influência fazia-se sentir também, com dureza, na parte da França que ficava ainda livre, mas submetida ao governo de Vichy.

O padre Henri Breuil não se sentia seguro em território francês devido à sua oposição ao invasor. Por esta razão, aceitou com satisfação as propostas que lhe foram dirigidas para dar aulas de Pré-história na Faculdade de Letras de Lisboa.

Nos Serviços Geológicos, o padre Henri Breuil aceitou colaborar comigo no estudo do Paleolítico português, ainda pouco conhecido naquele tempo. Assim, além dos trabalhos de laboratório, iniciei com ele algumas visitas às jazidas pré-históricas já conhecidas e outras aos locais em que tivemos a possibilidade de descobrir estações novas, algumas das quais maiores e mais importantes.

Foi nessa altura que apresentei o padre Henri Breuil a Maxime Vaultier. Daquele encontro resultou uma amizade entre eles, que se manteve até a morte do primeiro.

Maxime Vaultier interessou-se imediatamente pelas nossas excursões e procurou acompanhar-nos todas as vezes que os seus afazeres lhe permitiam sair de Lisboa. Assim, pelo menos uma vez por semana (quintas-feiras), Maxime Vaultier juntava-se ao nosso grupo, levando um lanche com bons petiscos e vinhos escolhidos. Mesmo que não tivesse possibilidade de sair connosco, punha o seu carro à nossa disposição.

Assim, foi essencialmente graças ao seu apoio que se conseguiu realizar, em poucos meses, as importantes descobertas de estações

paleolíticas publicadas ulteriormente. Devo, pois reconhecer, publicamente, que, sem a colaboração de Maxime Vaultier, não se teria conseguido metade do trabalho feito por Breuil e por mim.



MAXIME VAULTIER

Foi assim que, de Norte para Sul do país, percorremos, em companhia de Maxime Vaultier, as estações paleolíticas do litoral do Minho a N. de Viana do Castelo, os terraços das duas margens do Tejo entre Chamusca e Lisboa, as praias quaternárias do litoral entre Peniche e Setúbal, as do litoral do Alentejo entre Sines e Vila Nova de Milfontes e, finalmente, o Algarve meridional entre Faro e o cabo de S. Vicente.

Com a partida do padre Henri Breuil para a África do Sul, o ritmo das investigações pré-históricas diminuiu. No entanto, Maxime Vaultier continuou a interessar-se pela pré-história, visitando as escavações em curso naquela época ou mesmo participando nelas.

Assim, muitas vezes estivemos com ele nas escavações que o padre E. Jalhay e o coronel A. do Paço realizavam no castro de Vila Nova de S. Pedro.

Comigo, ele estudou a estação paleolítica da Junqueira e explorou o dólmen da Verdelha. Mais tarde, assistiu às escavações realizadas por mim e pelo Dr. O. da Veiga Ferreira no povoado de Penha Verde em Sintra e as pesquisas do padre J. Roche e daquele arqueólogo na gruta da Ponte da Laje em Oeiras.

No período de após guerra, em várias ocasiões, o padre Henri Breuil veio passar algumas semanas de descanso em casa de Maxime Vaultier, em Lisboa. Iam, muitas vezes, juntos estudar indústrias paleolíticas, postas à sua disposição, no Museu Etnológico de Belém, pelo Professor Manuel Heleno, ou no centro de Estudos Antropo-biológicos ultramarinos pelo Professor António de Almeida.

Um dos principais assuntos de Pré-história que apaixonava Maxime Vaultier era o problema das pinturas rupestres. Com ele e com o padre Henri Breuil visitei o abrigo de Vale de Junco, perto de Senhora da Esperança. Mas a descoberta que o interessou mais, foi a das pinturas rupestres da gruta de Santiago de Escoural, realizada pelo Dr. M. Farinha dos Santos. Foi nessa ocasião que ele contribuiu para a vinda a Lisboa do padre Glory.

Como arqueólogo, Vaultier era Presidente da Secção de Pré-história da Associação dos Arqueólogos Portugueses. Era sócio da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, da Sociedade de Geografia de Lisboa, da Sociedade de Pré-história francesa, da Sociedade de Pré-história de Londres e da Sociedade de Geografia dos Estados Unidos.

Nos últimos anos da sua vida, Maxime Vaultier teve a tristeza de ver desaparecer muitos dos seus amigos arqueólogos entre os quais há que citar o padre Eugénio Jalhay, o Prof. Joaquim Fontes,

o Prof. Mendes Correia, o Dr. J. Camarate França, o padre Henri Breuil, o padre Glory e, em último lugar o coronel Afonso do Paço.

Atingido por uma dolorosa descalcificação óssea que lhe dificultava o andar, Maxime Vaultier teve de renunciar, progressivamente, a todos os desportos e, mais tarde, a todas as excursões arqueológicas.

Depois de uma melindrosa operação a que foi submetido na Suíça em Março de 1966 pareceu melhorar. Mal sabia que o seu fim estava próximo.

Um ano mais tarde, em 14 de Março de 1967, no decurso de uma reunião com os seus colaboradores na casa H. Vaultier e C.^a em Lisboa, teve uma trombose cerebral.

A robusta constituição de Maxime Vaultier, ajudada pela rapidez de socorros médicos, permitiram o seu restabelecimento, depois de algumas semanas em que o enfermo esteve entre a vida e a morte. Foi um primeiro aviso!

No entanto, Maxime Vaultier não estava conformado. Ele não podia trabalhar como dantes. Por vezes, descuidava-se e fazia mais do que devia.

Passados dois anos, depois de uma reunião de negócios, regressou a casa já de noite e deitou-se para nunca mais acordar.

Maxime Vaultier era comendador da Cruz Vermelha de Beneficência, era Grande Oficial do Mérito Industrial. Foi membro da Direcção da Cruz Vermelha Portuguesa e fazia parte de várias organizações particulares entre as quais do Club Naval de Cascais.

Nos meios franceses de Lisboa, fazia parte da Câmara do Comércio e da Sociedade Francesa de Beneficência.

Durante a última guerra fez parte da Associação dos Franceses Livres e apoiou em França a resistência.

Além das condecorações portuguesas acima referidas, possuía ainda a Legião de Honra francesa, a Medalha militar, a Cruz de Guerra, a Medalha Interaliada e a Medalha da Resistência polaca.

Maxime Vaultier, bom amigo e alegre companheiro, acaba de desaparecer, mas ficará sempre na memória daqueles que o conheceram e que recordarão com saudade os tempos que passaram e que nunca mais voltarão.

Como dizia um dos seus próximos colaboradores no dia do seu enterro: «Com o desaparecimento de Maxime Vaultier é uma época que termina».

À sua viúva, às suas filhas e aos seus netos dirigimos aqui os nossos sinceros pêsames.

BIBLIOGRAFIA

MAXIME VAULTIER participou nas seguintes publicações:

- 1941 — (em colaboração com D. DE MELLO NOGUEIRA e G. ZBYSZEWSKI) — Primeiras pesquisas na gruta do Almonda. «*Brotéria*», vol. XXXII, fasc. 1, Lisboa.
- 1941a — (em colaboração com A. DO PAÇO e G. ZBYSZEWSKI) — Nota sobre a Lapa da Bugalheira. *Comunicação apresentada no 1.º Congresso Nacional de Ciências Naturais*, Lisboa, Junho de 1941. *Actas*, T. II; *Bol. Soc. Port. de Ciências Naturais*, Vol. XIII, supl. II, p. 116-119, 2 figs.
- 1942 — (em colaboração com H. BREUIL e G. ZBYSZEWSKI) — Les plages anciennes entre les Caps d'Espichel et Carvoeiro et leurs industries paléolithiques. *Comunicação apresentada na Academie des Inscriptions et Belles Lettres de Paris*, Maio de 1942.
— id — nos *Anais da Faculdade de Ciências do Porto*, T. XXVII.
— id — na «*Atlântis*», *Actas y Memórias de la Sociedad Española de Anthropologia y Etnografía y Prehistoria*, T. XVI, Cuadernos III-IV, p. 406-411.
- 1943 — (em colaboração com H. BREUIL e G. ZBYSZEWSKI) — Première prospection paléolithique en Algarve. *Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências. Quarto Congresso*, Porto, 1942, T. VIII, p. 63-75.
- 1943a — (em colaboração com A. DO PAÇO) — Estação eneolítica do Estoril. *Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências. Quarto Congresso*, Porto, 1942, T. VIII, p. 118-129, 6 figs.
- 1945 — (em colaboração com J. FORMOSINHO e G. ZBYSZEWSKI) — Nouvelles découvertes paléolithiques en Algarve. *Trab. da Soc. Port. de Antrop. e Etnol.*, Vol. X, fasc. 3-4, p. 185-198, 4 est.
- 1947 — (em colaboração com A. DO PAÇO e G. ZBYSZEWSKI) — Gruta da nascente do rio Almonda. *Trab. da Soc. de Antrop. e Etnol.* Vol. XI, fasc. 1-2, p. 170-187, 1 fig., 15 est.
- 1948 — (em colaboração com G. ZBYSZEWSKI) — Estação pré-história da Junqueira. «*Lisboa e seu Termo*». *Estudos e Documentos*. Vol. LI, 22 p., 10 est. Lisboa.

- 1951 — (em colaboração com G. ZBYSZEWSKI) — Le dólmen de Casal do Penedo (Verdelha dos Ruivos). *Trab. da Soc. Porto. de Antrop. e Etnol.* Vol. XIII, fasc. 1-2, p. 17-33, 1 fig., 9 est.
- 1959 — (em colaboração com o padre J. ROCHE e O. DA VEIGA FERREIRA) — Novas escavações na gruta da Ponte da Laje. *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia*, Lisboa, 1958, Vol. 1.
- 1959a — (em colaboração com O. DA VEIGA FERREIRA) — Vasos de «tipo campaniforme» de países longínquos. *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia*, Lisboa, 1958, Vol. 1.
- 1966 — Apontamentos e recordação. *In Memoriam do Abade Henri Breuil. Publ. da Fac. de Letras da Universidade de Lisboa*. Vol. II, p. 345, 1 est.

Além das publicações acima referidas, há que citar ainda uma notícia sobre o Solutrense de Évora Monte, feita em colaboração com o padre J. ROCHE e LUCIANO RIBEIRO, actualmente em curso de impressão.

G. ZBYSZEWSKI

Tenente-coronel Afonso do Paço

Manuel Afonso do Paço nasceu na freguesia do Outeiro, concelho de Viana do Castelo, em 1895 e faleceu em Lisboa em 1968. Tirou a Licenciatura em Filologia Românica na Faculdade de Letras de Lisboa.

Assentou praça em 1915 e seguiu para França como aspirante a oficial miliciano de infantaria. Foi combatente da Grande Guerra de 1914-1918 e tomou parte na batalha de La Lys. A sua folha de serviços como militar foi brilhante, pelo que lhe foram conferidos diversos louvores e condecorações, entre as quais a Cruz de Guerra de 2.^a classe, duas «fourragères» da Cruz de Guerra, a Medalha de Prata de Bons Serviços com palma e de Comportamento Exemplar, e ainda o grau de Cavaleiro da Ordem de Avis.

Mas se foi brilhante a sua folha de serviços como militar não foi menos brilhante a sua actuação como investigador em Etnografia e muito especialmente em Arqueologia.

Em colaboração com o jesuíta Padre E. Jalhay, realizou explorações arqueológicas no Castro de Vila Nova de S. Pedro.

Também de colaboração com o P.^o Jalhay iniciou as escavações na Citânia de Sanfins (Paços de Ferreira), que, após a morte daquele eminente jesuíta, prosseguiu sem desânimo, alargando a área de desbravamento daquelas venerandas ruínas.



Tenente-coronel AFONSO DO PAÇO

Foi um trabalhador apaixonado pela Arqueologia.

Desde Carreço, no Minho, onde descobriu e estudou a sua estação paleolítica, até ao Sul de Portugal, Afonso do Paço realizou prospecções e escavações em grutas (Alapraia — Estoril e na nascente do rio Almonda), em citânias (Sanfins — Paços de Ferreira), em castros (Vila Nova de S. Pedro) e na fortificação romana do Castelo da Lousa (Mourão) na margem do Guadiana.

Não pode deixar de se referir o acerto e probidade com que realizou as escavações no Campo de Aljubarrota.

Afonso do Paço foi um arqueólogo de mérito que, justamente, podia ser considerado especialista no período Encolítico, e, sobretudo, na chamada cultura do vaso campaniforme e das cerâmicas pré-campaniformes.

Foi um investigador activo, consciente das dificuldades e complexidades dos estudos arqueológicos, dotado de notáveis qualidades que lhe grangearam respeito e consideração no meio científico.

Foi sócio de várias sociedades científicas nacionais e estrangeiras, entre as quais a nossa Sociedade Portuguesa de Antropologia; foi Vice-Presidente da Associação dos Arqueólogos Portugueses e Presidente da secção de Pré-história da mesma Associação.

Foram muitos os trabalhos que publicou. Citaremos apenas os seguintes:

Estação paleolítica de Carreço, in «Brotéria», vol. xxii, Lisboa, 1930.

Carta paleolítica e epipaleolítica de Portugal, Lisboa, 1936-1937.

As grutas da Alapraia (Estoril), in «Brotéria», vol. xxii, Lisboa, 1941.

A póvoa eneolítica de Vila Nova de S. Pedro, in, id., vol. xxvii e xxix, Lisboa, 1942.

Braceletes de ouro de Atouguia da Baleia (Peniche), Lisboa, 1946.

A citânia de Sanfins, in «Brotéria», vol. xlvi, Lisboa, 1946.

Carta arqueológica do concelho de Marvão, Lisboa, 1953.

Vila romana da Herdade da Fonte do Prior (Montemor-o-Novo), Lisboa, 1964.

Castelo da Lousa (Mourão), in «Archivo Español de Arqueología», vol. xxxix, Madrid, 1966.

Jóias pré-históricas da região de Évora, Évora, 1967.

Afonso do Paço foi um arqueólogo de mérito que colaborou com alguns dos nossos melhores arqueólogos actuais e com alguns já falecidos, como o P.^o Jalhay, e Abbé Breuil e o Abel Viana.

A sua actividade foi, sem dúvida, notável e meritória. Tomou parte em vários Congressos de Arqueologia e de Etnografia realizados quer em Portugal quer no estrangeiro.

Era vogal da 1.^a Subsecção (Arqueologia) da 2.^a Secção (Antiguidades e Belas Artes) da Junta Nacional de Educação, onde o tive como companheiro, tendo o ensejo de apreciar algumas suas intervenções, sempre feitas com aprumo, e, algumas vezes, com tal firmeza de crítica, que bem definiam o seu desassombro e honestidade de carácter.

SANTOS JÚNIOR



Trabalhos de Antropologia e Etnologia

da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia

VOL. XXII — FASC. 1

SUMÁRIO:

J. R. DOS SANTOS JÚNIOR:

Antropologia (amplitude e finalidade desta ciência) —
(págs. 5 a 19).

MARIA EMÍLIA DE CASTRO E ALMEIDA e MARGARIDA
MARIA NOGUEIRA PAULINO:

**Contribuição para o estudo das impressões digitais
dos Dagadá (Timor Português) — II — Mulheres —**
(págs. 21 a 39).

AGOSTINHO ISIDORO:

**Escavações em dólmenes do concelho do Crato (Alto
Alentejo) — IV —** (págs. 41 a 56).

Vária: — Estela funerária com inscrição latina do Crato
(Alto Alentejo) (D. DOMINGOS DE PINHO BRANDÃO)
(págs. 57 a 61); Notas sobre o casamento na Aldeia da
Mata (AGOSTINHO F. ISIDORO) (págs. 61 a 69); Duas
nótulas etnográficas (ALBANO FERREIRA) (págs. 70 e 71);
Escavações no Castro de Carvalhelhos (Campanha
de 1970) (SANTOS JÚNIOR) (págs. 72 a 75); Uma dança
milenária (J. R. DOS SANTOS JÚNIOR) (págs. 75 a 80).

Lutuosa: — CONDE DE AURORA (pág. 81); MAXIME-CARLOS-
-MARIA-ANTÓNIO VAULTIER (pág. 83); AFONSO DO PAÇO
(pág. 89).